

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - SACOD  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM  
LARISSA FABRIZIA FANES

**RADIODOCUMENTÁRIO “1988 E 2015: AS GREVES DOS PROFESSORES  
NA VOZ DE SEUS PERSONAGENS”**

CURITIBA  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - SACOD  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM  
LARISSA FABRIZIA FANES

**RADIODOCUMENTÁRIO “1988 E 2015: AS GREVES DOS PROFESSORES  
NA VOZ DE SEUS PERSONAGENS”**

Trabalho apresentado para a  
disciplina TCC II do 9º período do  
curso de Comunicação Social, do  
Setor de Artes, Comunicação e  
Design, da Universidade Federal do  
Paraná.  
Trabalho realizado sob orientação do  
Professor Elson Faxina

CURITIBA  
2015

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>6</b>
<b>5. A LINGUAGEM RADIOFÔNICA.....</b>	<b>7</b>
5.1.RADIODOCUMENTÁRIO.....	
7	
<b>6. A LUTA DOS PROFESSORES.....</b>	<b>9</b>
6.1. O 30 DE AGOSTO.....	
10	
6.2. REIVINDICAÇÕES ATUAIS.....	
11	
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>12</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema central o episódio da greve dos professores de 1988, na qual os profissionais do ensino do Estado do Paraná reivindicavam o respeito ao piso de três salários mínimos, direito conquistado na greve de 1986 e que o então governador Álvaro Dias recusava-se a cumprir.

No dia 30 de agosto de 1988, professores, alunos e pais de alunos entraram em choque com a Polícia Militar, durante uma passeata em direção ao Palácio do Governo, na Praça Nossa Senhora de Salete, Centro Cívico, em Curitiba.

Apesar de ser algo muito marcante e sensível entre os profissionais da educação, o fato tem sido lembrado pela mídia apenas com uma cobertura pontual. Os jornais do estado não atualizam o público sobre as consequências do fato nos meses seguintes e até os dias de hoje o episódio da greve, que marca a história de luta dos professores no estado e poderia servir como referência no cenário sociopolítico da época, só é difundido entre os membros da classe, mas não é citado pelo povo paranaense em geral como algo que marca a história do Estado.

Os profissionais da educação não se esquecem do fato. Pelo contrário, usam a data para lembrar o poder público da luta por melhores condições de trabalho e pela valorização da classe. Todos os anos, no dia 30 de agosto, acontecem atos que resgatam o período e apresentam à sociedade e ao poder público a atualização da pauta de reivindicações. O periódico da APP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná – leva o nome da simbólica data: *30 de agosto*.

A luta dos professores continua muito ativa. A categoria é lembrada sempre como organizada e ativa. Em 2015 eles voltaram a se mobilizar, num primeiro momento pela garantia de direitos conquistados anteriormente e que estavam sendo ameaçados, como a estrutura do plano de carreira e da forma de ingresso. A mobilização foi suficiente para garantir que o governo de Beto Richa não alterasse as conquistas anteriores, mas não impediu que a proposta de um projeto de lei polêmico entre os servidores estaduais fosse votada. Esse projeto consiste em usar dinheiro do fundo de previdência dos servidores

públicos do Paraná para ajudar nas contas do Estado. Os professores organizaram uma nova greve em abril de 2015 e no dia 29 fizeram uma manifestação contra a votação do projeto de lei, que aconteceria naquela data. Reunidos no Centro Cívico, como em 1988 e em outras ocasiões de protesto, eles foram agredidos pela Polícia Militar e pela Tropa de Choque. Os policiais lançaram bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e usaram cães contra os manifestantes. As ações foram consideradas de extrema violência e fizeram com que o dia 29 de abril também se tornasse um marco na luta dos professores.

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso é construir, em forma de documentário radiofônico, uma narrativa com as vozes dos principais personagens que participaram daquele episódio que marcou a greve de 1988. Líderes dos comandos de greve, professores que vieram de outras regiões para participar da luta, policiais que atuaram no confronto da época e lideranças políticas de então foram convidados a apresentar suas versões sobre o fato. Além da apresentação das versões de cada personagem, a análise da cobertura jornalística feita na época torna possível entender o cenário sociopolítico do momento, mostra a leitura que a imprensa fez dos fatos e que reflexão a apresentação destes fatos gerou para a sociedade. Essa observação centraliza o projeto na análise da imagem do professor construída na época e de que modo isso afetou o rumo que o caso tomou.

A ideia é que o radiodocumentário apresente uma narrativa rica e clara o suficiente tanto para quem já conhece o episódio como para aqueles que vão saber, pela primeira vez, da luta dos professores na época. Este trabalho pretendeu ainda fazer uma conexão entre a linha de cobertura escolhida pelo jornalismo da época com a imagem que o professor tem até os dias de hoje, tentando descobrir se existe alguma influência dos meios de comunicação sobre a impressão que a sociedade tem acerca dos docentes, suas atuais condições de trabalho e a legitimidade das lutas que travam até os dias de hoje.

O objetivo geral deste trabalho é o de apresentar para o acervo, não só dos profissionais de educação, mas também do povo paranaense, uma narrativa acessível e adaptada para o público atual, propondo uma comparação entre a situação vivida na década de 80 com a dos dias de hoje. Para isso,

foram estabelecidos alguns objetivos específicos, tais como:

- Marcar a importância da greve dos professores de 1988, fazendo com que essa memória que é tão viva entre os profissionais da educação ganhe mais força no cenário histórico paranaense.
- Esclarecer o episódio de 1988 a ponto de torná-lo mais palpável, combinando informações e reflexões com curiosidades, relatos emotivos, dados históricos e técnicos.
- Registrar a luta dos professores em 2015, com a greve que teve início em fevereiro e foi retomada em abril, apresentando as reivindicações da categoria, o cenário sociopolítico do momento.
- Ajudar o público ouvinte do radiodocumentário a estabelecer uma relação entre a situação dos professores de 1988 com a dos dias de hoje, especialmente em função do episódio semelhante, ocorrido no dia 29 de abril de 2015, percebendo semelhanças e diferenças nas condições dos profissionais.

A relevância dada à greve dos professores se deve pela questão da situação do profissional no Brasil estar sempre em pauta. Desde a década de 1980, marcada por várias greves da categoria no estado do Paraná, nos questionamos sobre os avanços encontrados nas discussões? Um radiodocumentário que apresente a situação da época e mostre as semelhanças e diferenças existentes entre a situação atual poderá possibilitar uma reflexão mais a fundo sobre o tema. O público poderá perceber se existem questões na luta dos professores que continuam atuais e quais medidas já tiveram melhorias. Tudo isso permeado pela cobertura jornalística da greve de 1988 e dos episódios de luta ocorridos quase 27 anos depois.

O produto cumpre com as funções do jornalismo informativo e interpretativo, onde se apresenta o contexto da notícia, possibilitando a tomada de posição por parte do público. Esse gênero é estudado no Brasil desde a década de 1960, segundo Costa (2008). Luiz Beltrão (1976) é um dos pioneiros no estudo desse formato. Em seu livro *Jornalismo Interpretativo*, o autor pondera as diferenças entre o jornalismo informativo e o interpretativo, sendo que o primeiro tem a responsabilidade de transmitir a notícia, a história de interesse humano, a informação rápida e de fácil assimilação; enquanto o

segundo produz com frequência reportagens em profundidade.

José Marques de Melo (2003) afirma que o jornalismo interpretativo surge para dar conta das reportagens que seguiam uma linha mais interpretativa e diversional, características que nem sempre podem corresponder a expressões já existentes no jornalismo informativo e no jornalismo opinativo.

O jornalismo interpretativo tratava-se, então de uma categoria carente de configuração estrutural, cuja expressão narrativa oscila entre o estilo informativo e o opinativo (...) e que ainda não adquiriu fisionomia própria no lugar onde surgiu (MELO, 2003, p. 30).

O relato da luta da classe de docentes, com foco principal nos acontecimentos em 1988, propõe também a reflexão dos receptores acerca da relevância das lutas sociais e seu resgate, sendo elas uma maneira de legitimação da participação da sociedade civil organizada na busca de melhorias de condições de vida para os profissionais da educação e, conseqüentemente, para a vida dos que dependem do serviço do Estado. A partir do momento em que se abre uma percepção como essa, é possível também que a sociedade se organize para pedir uma resposta do Estado quanto à revisão das políticas públicas definidas para a área.

O episódio da greve dos professores já foi relatado por alguns jornais, principalmente em 2013, quando o fato completou 25 anos. O diferencial deste trabalho foi trazer a história de maneira mais aprofundada, com a reconstrução de cada perfil dos personagens, permitindo um envolvimento com a causa e justificativa de cada um.

## 2. METODOLOGIA

Para o início da produção do radiodocumentário, foi feita uma pesquisa histórica sobre o fato, com o objetivo de definir as principais fontes e tópicos relevantes para o registro. Reportagens impressas, vídeos, entrevistas com professores que estavam presentes na greve de 1988 e estudiosos ajudaram a definir o panorama na época e de qual maneira o fato seria apresentado.

Além de contar com os depoimentos dos personagens que fizeram a história acontecer, o produto foi contextualizado com registros da cobertura jornalística da época, mostrando de que maneira o jornalismo paranaense se fez presente no episódio. Isso foi feito para compreender a situação política da época e ter uma análise mais detalhada dos temas e enfoques das pautas, ajudando a perceber a influência que a produção dos meios de comunicação gerou no imaginário social acerca do fato. O radiodocumentário se propõe, ao analisar o fato sobre o olhar do jornalismo de 1988, a colaborar com a reflexão sobre o que foi construído na sociedade.

Para a pesquisa sobre os acontecimentos envolvendo a greve de 1988, foi feita uma consulta com um grupo de fontes composto por personagens que atuaram na época. Primeiramente, foi feita a análise dos jornais de grande circulação no Estado na época.

A consulta foi feita aos jornais Folha de Londrina, O Estado do Paraná e Gazeta do Povo. As publicações são do ano de 1988, mais precisamente do início da greve (05 de agosto) até o dia após a repressão na Praça Nossa Senhora de Salete (31 de agosto). Nesta análise o objetivo é perceber a representação sobre os professores, qual a imagem transmitida à sociedade.

Através de entrevistas com personagens e especialistas, pesquisa bibliográfica e documental, pretendeu-se reunir o maior número de vozes possível para o mesmo relato, tornando-o claro por todos os lados da história – professores do Estado, os que se mobilizaram efetivamente e os que se sentiram representados na luta, representantes do poder público, os que participaram na articulação de estratégias e tomadas de decisões, como o governador do Estado e seus Secretários, além dos que executaram as ordens, os policiais, e por fim, a imprensa com seu olhar interpretativo. Buscou-se usar os pontos em comum e os destoantes para construir a narrativa, baseando-se

na afirmação de Milton Jung (2013):

O princípio do contraditório é básico no jornalismo. Jamais permita que um tema seja discutido sem que sejam oferecidas às partes envolvidas as mesmas oportunidades para argumentações e justificativas. Se duas opiniões são muito divergentes, convide os dois lados a debater publicamente. Quando uma das partes não puder ser ouvida, deixe claro o motivo que levou a essa situação. (JUNG, 2013, p.107)

Para ouvir os personagens ativos do acontecimento, foi feito uso da memória oral como metodologia. Para Menezes (2012), memória é, assim como a história, uma representação do passado, o significado da vivência trazida para o presente. Nesse caso, a memória pode e deve ser fonte de análise para a produção historiográfica. Para isto é preciso compreender estas memórias, perceber o significado dos silêncios, das omissões, comparar as memórias, perceber as semelhanças e as discordâncias. Delgado (2006) ressalta que as vozes do passado produzem a memória quando são atualizadas no presente e que o registro dessas lembranças é essencial, uma vez que não há memória espontânea.

Os relatos, neste sentido, oferecem uma possibilidade de se conhecer o passado tendo como referência diferentes vozes, diferentes indivíduos, dos mesmos grupos atuantes na greve ou não, oferecendo construções e representações sobre o passado e, assim, fornecendo material para que a interpretação do público ouvinte aconteça.

A história oral é, segundo Delgado (2006), uma metodologia para produção de fontes a serem estudadas por quem conduz a coleta de informações, e também de interpretação dessas mesmas fontes. O caráter subjetivo e ao mesmo tempo transitório da história oral não afeta a produção do conhecimento histórico a partir destas fontes. Ao contrário, enriquece e amplia esse processo, trazendo para o campo da história diferentes sujeitos. Desta forma, a história oral é uma metodologia que tem a preocupação com a memória e sua utilização para a construção do conhecimento histórico (DELGADO, 2006). Ela permite o debate de temas mais recentes, por ser capaz de construir fontes para a pesquisa.

As perguntas elaboradas para cada entrevista permitiam que as a greve fosse contada de uma maneira linear e com espaço para a entrada de

curiosidades e outros fatos que permitem ao ouvinte compartilhar as emoções dos personagens. Os relatos sobre 1988 foram construídos por Isolde Benilde, presidente da APP-Sindicato durante a greve de 1988; Arnaldo Vicente, professor que conduziu o carro de som da APP no dia 30 de agosto; Walter Rodrigues, policial que estava no pelotão da frente no dia do embate da Polícia Militar contra os professores; Alvaro Dias, governador do Estado do Paraná em 1988, que se manifestou sobre os fatos através de uma nota oficial. Para esclarecer as reivindicações dos professores em 2015 foi feita uma entrevista com a professora Marlei Fernandes de Carvalho, atual diretora de finanças da APP-Sindicato. O sociólogo e professor de Ciência Política da Universidade Federal do Paraná, Ricardo Oliveira, foi consultado para explicar o contexto sociopolítico e socioeconômico do Brasil e do Paraná em 1988. A entrevista com ele também foi necessária para construir uma análise sobre a situação do Estado logo depois da greve de 88 e um possível panorama para os acontecimentos em 2015. Também foi consultado o jornalista Célio Martins, para a contextualização sobre o jornalismo da época, no período de abertura política. O olhar do jornalista também foi usado para relatar os fatos em 1988 – uma vez que ele esteve na Praça Nossa Senhora de Salete, acompanhou a manifestação e a repressão violenta e entrevistou o governador Alvaro Dias logo depois do ocorrido – e 2015, quando ele compara o que aconteceu em agosto de 88 e abril deste ano. Para completar o registro da greve de 2015 foram usadas entrevistas divulgadas pela imprensa com manifestantes que estiveram presentes na Praça Nossa Senhora de Salete no dia 29 de abril e com autoridades envolvidas, como o governador Beto Richa, o chefe da Casa Civil, Eduardo Sciarra, e deputados envolvidos na discussão. Além da análise de três jornais impressos de 1988, foram usados os registros de reportagens sonoras e televisivas da época disponíveis na internet. Em 2015, devido à atualidade dos acontecimentos (a greve dos professores continua sem negociação), as informações sobre a situação foram obtidas através de consultas a reportagens televisivas, sonoras, impressas e on-line.

### 3. O RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

Presente no Brasil há mais de 90 anos, o rádio conta hoje com cerca de 90 milhões (cheque este dado. Creio que são mais ouvintes) de ouvintes, abrangendo cerca de 96% território nacional (JUNG, 2013). Por ser um dos meios de comunicação mais acessíveis, o rádio atinge todas as camadas da sociedade, desde as grandes metrópoles até os locais mais afastados e ermos do país. Dados de uma pesquisa feita pelo Easymedia, entre julho e setembro de 2014, e divulgados pelo Ibope revelam que 90% da população brasileira é consumidora de rádio. Ainda seguindo a pesquisa, o alcance do meio é de 64% de pessoas atingidas, de um universo de 54.690.754 entrevistados. O fato de que o rádio pode ser consumido enquanto o ouvinte executa outras atividades contribui para que esses índices de preferência continuem em alta.

**Comentado [LF1]:** CHECAR DADO  
Jung diz que são 90 milhões de ouvintes aprox.

#### 3.1 LINGUAGEM RADIOFÔNICA

O surgimento do rádio no Brasil, na década de 20 do século passado, é caracterizado pela sua função educativa. Desde o início o meio tem em sua definição a facilidade de acesso aos ouvintes. Até os dias de hoje, a informação transmitida é facilmente acessada por moradores de regiões periféricas e remotas, com população de baixo letramento e pouco informada. A linguagem radiofônica consegue se fazer entender de maneira acessível a todos os ouvintes e atingia todas as classes, mesmo fazendo o uso de uma linguagem sofisticada, de elite.

Balsebre (2000) afirma que a mensagem sonora no rádio é constituída pela sucessão ordenada, contínua e significativa de “ruídos” elaborados pelas pessoas, os instrumentos musicais ou a natureza. Essas formas de intervenção são classificadas segundo os repertórios/códigos da linguagem radiofônica. Ainda sobre a linguagem no meio, o autor aponta a possibilidade de utilizar palavras e sons, ruídos e silêncio, música e o uso de efeitos técnicos e/ou humanos para apresentar uma realidade criativa e até mesmo transformadora.

A linguagem utilizada no rádio é uma construção bem planejada para o público, com o objetivo de ajudar este a construir imagens multissensoriais

(SCHAEFFER, 1970). O discurso oral precisa ser dedicado ao ouvinte, prezando sempre pelas características essenciais que tornam essa forma de comunicação mais agradável, como o uso da palavra falada de forma livre, dando a possibilidade de improvisar e adequar a linguagem à situação e comunicar os fatos com a totalidade que abrange inclusive o campo das emoções.

Bourdieu (1996) destaca a significativa presença de quem conta a história. O uso da linguagem, tanto a maneira como a matéria do discurso, dependem da posição social do locutor.

O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador. (BOURDIEU, 1996, p.89).

A eficácia do significado dado ao texto reproduzido acontece, segundo Cunha (1998), na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, ou então, quando se esquece de si mesma e se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe concede.

A linguagem radiofônica toma, a princípio, apenas um sentido do público: a audição. Para aumentar o impacto da mensagem transmitida ao ouvinte – e assim a durabilidade da informação – podemos usar de recursos como silêncio, música e efeitos sonoros.

O silêncio permite abrir espaço para que o sujeito-ouvinte atribua seu próprio significado à produção radiofônica. Balsebre (2000) afirma que a multiplicidade de aspectos significativos do silêncio mostra que ele é algo mais que um fator não verbal e o classifica como o sistema expressivo não sonoro da mensagem radiofônica. Para o autor, o silêncio completa a construção sonora e imaginativa-visual do ouvinte a partir do momento em que determina núcleos narrativos e atribui afetividade à palavra.

Bianco e Esch (1998) assinalam a importância do uso de música e efeitos sonoros como estratégia de encaixe com um roteiro bem construído ou adaptado.

Mais do que truques, a construção de um 'cenário acústico' em uma peça radiofônica envolve necessariamente a manipulação de diversos recursos de linguagem de nosso mágico veículo. Envolver o ouvinte na história narrada e fazê-lo 'acreditar que ela é real' requer por certo, não apenas a manipulação de sons ou efeitos. Isso exige também que façamos uma prospecção pelo nosso universo imaginário e dos ouvintes, observando e descobrindo o leque de sentidos e significados perante coisas, comportamentos, atitudes, pontos de vista e pensamentos construídos e alimentados dia-a-dia em nosso contexto cultural. (BIANCO E ESCH, 1998, p. 70)

É importante lembrar sempre que rádio é um veículo de comunicação essencialmente verbal e é através da palavra que as ideias são expressadas, criando imagens e ideias na consciência do ouvinte. Os elementos narrativos da linguagem radiofônica (voz, silêncio, música e efeitos sonoros) ajudam na construção do sentido da informação na sua totalidade.

### 3.2. O RADIOJORNALISMO NO BRASIL

O início do uso do rádio para o público brasileiro aconteceu durante a Ditadura Vargas, no chamado Estado Novo (1937-1945), e é marcado por um período de implantação de industrialização e urbanização. As notícias ainda não eram pensadas na linguagem radiofônica, nem tinham suas consequências estudadas. O locutor era um meio, um canal pelo qual a informação passava, e não um mediador. As notícias eram transmitidas mediante a leitura de jornais, uma vez que as emissoras não possuíam departamentos de radiojornalismo estruturados. Brittos (1998) conta que o primeiro noticioso especialmente redigido para o rádio foi o "Repórter Esso", que estreou em agosto de 1941 na Rádio Nacional. A primeira redação de radiojornalismo foi montada em 1948, por Heron Domingues, locutor do Repórter Esso, com a denominação de "Seção de Jornais Falados e Reportagens".

Martín-Barbero (1995) descreve a atuação do rádio no processo de formação da nação brasileira, sendo sua função no período "fazer-se voz da interpelação que, a partir do populismo, convertia as massas em povo e o povo em nação". A administração de Getúlio Vargas aproveitou o poder de alcance do rádio, estudando a sua linguagem e o impacto gerado por ela nos ouvintes e o utilizando com objetivos políticos.

O período Vargas, conforme Noya Pinto (1986), tinha como principal característica a intervenção do Estado em quase todos os setores da vida brasileira. A programação do rádio era basicamente de entretenimento, com inserções governamentais em momentos específicos.

O jornalismo e o rádio evoluíram juntos, ampliaram seus objetivos, aperfeiçoaram suas técnicas e tecnologias. Schettino (1998) afirma que o jornalismo radiofônico praticado no Brasil atualmente não reflete as possibilidades que o meio oferece

O rádio é capaz de fornecer e receber notícias em tempo zero, mas os proprietários das emissoras e os jornalistas ainda tratam o meio como uma mera extensão da imprensa escrita ou televisada (...). As rádios existem não só para preencher as demandas da sociedade criadas pela própria mídia, mas essencialmente para oferecer opções e permitir que a sociedade se expresse através delas. (SCHETTINO, 1998, p. 178)

A conscientização dos profissionais de radiojornalismo acerca das particularidades do veículo como agilidade, proximidade e afetividade com o público, permite que o rádio continue existindo com a garantia de credibilidade de informação produzida com a ideia de que o repórter está lá, vivenciando a história, transmitindo a notícia e gerando uma identificação com o público, independentemente de sua localização geográfica (SMITH, 1996).

### 3.3. RADIODOCUMENTÁRIO

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) define documentário como uma produção na qual os fatos são mostrados ao público, revelados pelos personagens envolvidos no acontecimento. A influência do jornalista nesse produto está na escolha da forma com que o fato é apresentado, escolhendo, por exemplo, se a ordem será cronológica ou por temas, sob quais pontos de vista, escolhendo os especialistas e personagens entrevistados, e o olhar geral, curioso, de quem analisa o fato, através das perguntas feitas. O formato radiodocumentário compreende aspectos peculiares que exigem atenção de quem o produz, especialmente no que se refere à linguagem usada para transmitir a informação. Um estudo publicado pela professora Maria Cristina Romo Gil, no

livro *Introducción al conocimiento y práctica de la radio*, e citado por Milton Jung (2013), concluiu que a mensagem que parte de uma fonte verbal tem 60% do conteúdo retido até três horas após a emissão. Três dias depois, restarão na memória do ouvinte cerca de 10% de tudo o que foi dito. Cabe à equipe de produção do radiodocumentário usar de todos os artifícios disponíveis, como sonoplastia e narração, para garantir o entendimento rápido e duradouro do público.

No Brasil, o radiodocumentário é um formato de produção não muito recorrente (BAUMWORCEL, 2001), diferente de regiões como Europa, Estados Unidos e países da África e Ásia (KAPLÚN, 2006). A programação brasileira opta em sua maioria pelos formatos tradicionais, como o radiojornal e boletim informativo. Essas produções são caracterizadas pela agilidade na apuração e pelo baixo orçamento exigido para sua execução. Apesar das emissoras preferirem uma cobertura factual, dando ênfase a temas inesperados (MOREIRA, 1991), poucas perceberam a possibilidade do uso do documentário para abordar detalhadamente temas que atraíam a atenção do público. Esse formato pode ser utilizado para, por exemplo, reportar a morte de ídolos como Ayrton Senna e para apresentar acontecimentos que tenham vários pontos de vista, como confrontos políticos e manifestações populares.

Prado (1989) defende o papel informativo do rádio aliado à explicação e análise:

Pode se contar, além disso, neste sentido reflexivo, com a capacidade de restituição da realidade, através das representações fragmentadas da mesa, veiculadas com seu contorno acústico. (PRADO, 1989, p. 85)

O documentário radiofônico tem a capacidade de abordar determinado tema em profundidade, baseando-se em uma pesquisa de dados e arquivos sonoros (FERRARETTO, 2001). Ele reconstitui ou analisa um fato importante, combinando informação com recursos de sonoplastia a partir de um roteiro pré-definido.

Para Barbosa Filho (2003), o documentário é uma produção de caráter analítico, com aprofundamento do tema.

Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto, construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 102)

Segundo Penafria (1999), o que distingue o documentário de um produto ficcional é que o primeiro nos oferece acesso “ao mundo” (a realidade) enquanto que o segundo “a um mundo” (imaginário). Ou seja, a característica fundamental do documentário está na preocupação com o registro do real, mas, segundo Aumont (1995), o documentário não escapa totalmente da ficção, tendo em vista que qualquer objeto já é um signo de outra coisa e, portanto, já está preso em um imaginário social. A equipe que produz o documentário tem a opção de usar a significação já conhecida pelo público e também de fazer uma ressignificação, criando metáforas e atribuindo novo sentido àquilo que já se conhecia. Também deve ser destacado que o espectador do filme documentário é o mesmo do filme de ficção: ele está sujeito ao mesmo fascínio encontrado em um produto de ficção. No rádio não é diferente. É importante destacar que no documentário, tanto de rádio como de televisão ou cinema, também existe uma preocupação estética em que tende sempre a transformar o objeto bruto (a realidade) em objeto de contemplação.

O radiodocumentário exige uma produção cuidadosa, com pesquisa aprofundada, levantamento de dados, apuração com fontes diversas. McLeish (2001) chega a apontar a necessidade, em algumas situações, do produtor de um radiodocumentário conversar com pelo menos 20 fontes. O autor difere esse formato do chamado programa especial, categoria na qual o documentário é inserido por alguns autores. Segundo ele, o primeiro utiliza o fato como pressuposto e não permite a inclusão de elementos que não façam parte do campo da “realidade”. O programa especial, por seu turno, admitiria elementos que ultrapassem as fronteiras do real, algo que estaria na esfera da ficção. McLeish afirma que distinções básicas estariam diretamente relacionadas ao material escolhido e às fontes que fazem parte do documentário.

Chantler e Harris (1998) definem documentário como uma grande reportagem, com todos os princípios básicos que norteiam esse tipo de

produção. A reunião de várias sonoras, com opiniões divergentes, fontes diversas, abertura ou cabeça (texto falado pelo apresentador do programa/noticiário antes da reportagem entrar no ar, usado para “chamar a reportagem”), para dar ao ouvinte a noção exata do que vai ser noticiado a seguir, e matérias longas estariam entre os fatores responsáveis pelo sucesso do documentário. Além disso, os autores apontam alguns desafios do produtor do programa. Entre eles, a procura por mostrar um desfecho para a história, a edição de imagens sonoras individualizadas e a valorização do documentário por meio das palavras das outras pessoas. Essa é a essência do documentário, é um produto no qual o olhar sensível e estudado da equipe de produção faz a diferença. Eles podem apresentar os fatos através de metáforas que utilizem elementos conhecidos pelo público, aproximando a narrativa ao imaginário do ouvinte. Isso pode ser feito não só pela função informativa do produto, mas também pelo caráter emotivo.

#### **4. RADIODOCUMENTÁRIO: A GREVE DOS PROFESSORES PELAS VOZES DE SEUS PERSONAGENS**

O presente documentário conta a história da greve dos professores de 1988, organizando os fatos para entender como se chegou ao dia 30 de agosto, data marcada pela dura repressão policial contra os manifestantes que marchavam até a Assembleia Legislativa do Paraná. Até os dias de hoje a data é lembrada principalmente pelo uso da cavalaria da Polícia Militar contra os professores. Mas, afinal, o que ainda deve ser registrado para que se tenha um entendimento amplo sobre o fato? Qual a percepção gerada quando o discurso de todos os lados, com as principais opiniões sobre a greve de 1988, são apresentados? Este produto parte desse questionamento inicial e pretende gerar o esclarecimento sobre o fato para o público. É uma forma de registrar a história, investigar a cobertura, e honrar a memória do povo paranaense.

##### **4.1. A LUTA DOS PROFESSORES NA DÉCADA DE 80: ORGANIZAÇÃO DA CLASSE NA REDEMOCRATIZAÇÃO**

A década de 1980 foi marcada por intensas lutas sociais no Brasil, após os anos de repressão e censura, impostos pelo Regime Militar (1964-1985), as manifestações populares tomaram novamente as ruas. Um dos movimentos de destaque é o chamado Diretas Já, que lutava pelas eleições diretas para Presidente da República, fato que só veio a acontecer em 1989. Neste contexto de reabertura política, os professores do Paraná lutavam por melhores condições de trabalho e melhores salários. Durante a década de 1980 aconteceram quatro greves dos professores do Estado do Paraná, mas a de 1988 sofreu forte repressão por parte dos representantes do Estado, e marcou de forma relevante a história destes profissionais da educação. Esta greve foi deflagrada no dia 05 de agosto, durante uma assembleia promovida pela Associação dos Professores do Paraná no Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba. Álvaro Dias, governador do Estado na gestão 1987-1991, descumpriu acordos firmados anteriormente, principalmente o direito salarial conquistado na greve de 1986, quando os professores haviam conseguido um piso salarial

de três salários mínimos.

#### 4.1.2. A TOMADA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Durante todo o período da greve de 1988 os profissionais da educação fizeram manifestações nas ruas de Curitiba. No dia 16 de agosto os professores foram assistir uma assembleia dos deputados estaduais do Paraná, com o objetivo de conduzir o governo para uma negociação. A discussão acabou não acontecendo e, como forma de protesto, os professores que estavam no recinto decidiram se instalar no local até que suas reivindicações fossem ouvidas e um acordo fosse estabelecido com o Governo.

Romeu Gomes de Miranda, ex-Presidente da APP-sindicato (gestão 1996-1999), Sindicato dos Profissionais de Educação Pública do Paraná, conta como foi tomada a decisão de ocupar a Assembleia Legislativa:

Nós fomos para dentro da Assembleia, numa mobilização, para fazer com que a bancada majoritária, que era na época do MBD (sic), assumisse nossas reivindicações e aprovasse uma proposta de reajuste salarial. Fomos para dentro da Assembleia, só que lá dentro ocorreu um ligeiro conflito e a bancada do governo, na época do MBD (sic), retirou-se e ignorou a nossa presença lá. Ao eles se retirarem, eu fiz a proposta de que nós não devíamos sair dali. Até que nós pudéssemos ter as reivindicações atendidas. (MIRANDA, 2014)

Foram 14 dias de ocupação. Segundo a professora Isolde Benilde, presidente da APP em 1988, alguns acontecimentos fora do normal sugeriram que os professores estavam sendo sabotados.

Já nos primeiros dias, a temperatura do ar-condicionado da Assembleia alternava entre o frio extremo e momentos de calor sufocante. Um dia, um dos colegas passou mal e foi levado ao hospital, aí descobrimos que ele comeu algo que fora contaminado. Quando um dos professores recebeu uma blusa salpicada de lã de vidro, nós tivemos certeza dos riscos que corríamos. (BENILDE, 2014)

A estada dos professores no âmbito da Assembleia Legislativa fez com que os deputados da situação, liderados pelo chefe de Governo, cancelassem todos os trabalhos que deveriam ser realizados na casa, alegando que os professores estariam atrapalhando as tomadas de decisões por parte dos

parlamentares. No outro extremo, as lideranças da APP mantinham a organização do movimento instalado no recinto da Assembleia, alegando ter como objetivo principal forçar um diálogo com o Governador Álvaro Dias, e abrir as negociações sobre os aumentos salariais e o retorno às salas de aula.

A greve de 1988 ocorreu em todo o Paraná, onde algumas cidades tiveram maior ou menor adesão ao movimento. As manifestações aconteceram em várias regiões do Estado, mas o foco principal ficou na capital, Curitiba, por ser a sede do Governo. A associação dos professores organizava caravanas para que os professores viessem das diversas regiões, dando mais “volume” e credibilidade à mobilização.

Os atos simbólicos realizados até o momento não estavam garantindo aos professores a visibilidade necessária. Eles se organizaram então, chamando pais e alunos, para mobilizar a sociedade em favor de suas reivindicações.

#### 4.1.3. O 30 DE AGOSTO DE 1988

Foi então organizada uma grande passeata. O dia: 30 de agosto de 1988. Segundo estimativas da APP, cerca de 30 mil pessoas, entre professores, pais e alunos, uniram-se e dirigiram-se em passeata ao Palácio do Iguaçu, a sede do Governo do Estado do Paraná. Ao chegarem próximo do local, já avistaram os policiais que formavam uma barreira impedindo a passagem dos manifestantes, e então ocorreu o conflito entre os professores e os policiais, estes fazendo uso de bombas de efeito moral, e principalmente da cavalaria. O conflito teve como resultado uma série de professores feridos, com estilhaços das bombas, queimaduras e fraturas.

Num primeiro momento, a força policial impediu que o carro de som entrasse na praça Nossa Senhora de Salete. Gilmar de Gouvea, de Campo Mourão, relembra que a cavalaria atingiu o acampamento dos professores que já estavam na frente do Palácio Iguaçu.

Primeiro chegaram os cachorros com os militares, depois os cavalos, que entravam no meio das barracas e iam derrubando as barracas e passando por cima das pessoas que estavam lá dentro, como forma de protesto. Era muita gritaria, muita gritaria. Lembro também que as professoras molhavam o lenço e colocavam no nariz, por causa do

gás lacrimogêneo. Foi uma coisa assim bem brutal, foi uma coisa brutal, emocionante e horripilante. (GOUVEA, 2014)

Segundo Benilde, a forma como os profissionais da educação foram tratados naquele dia foi diferente dos episódios de luta ocorridos em outros anos.

Nós estávamos acostumados a reivindicar, acostumados a insistir, mas acabar chegando em uma sala de reuniões e conversando com os governantes. Nessa ocasião, e nessa gestão de governo também, nós não fomos nem recebidos. O assédio dos militares, da polícia militar, dos cavalos, dos cães adestrados, chegando até nós sem uma explicação razoável, foi uma grande decepção. As pessoas foram feridas fisicamente e moralmente. Saíram literalmente escorrendo sangue da praça. (BENILDE, 2014)

Após os acontecimentos de 30 de agosto de 1988 a greve ainda permaneceu, em uma tentativa de estabelecer uma negociação com o Governador, mas isto não aconteceu. Álvaro Dias condicionou a abertura ao diálogo e negociações apenas com o retorno dos professores às salas de aula. Além disso, muitos professores estavam sendo ameaçados de demissão. Essas condições acabaram por enfraquecer o movimento grevista. No dia 20 de setembro de 1988, em assembleia na cidade de Maringá, os docentes decidiram pelo retorno ao trabalho, mesmo sem as conquistas que almejavam.

#### 4.1.4. REFEREÊNCIA NUMA TRAJETÓRIA DE LUTAS

O episódio de luta marca a história de reivindicações dos professores até hoje. O informativo do sindicato carrega o nome *30 de agosto*, para que todos os profissionais sigam juntos lembrando o que aconteceu naquele dia. A professora Vera Lopes de Moraes usa o fato para lembrar o destaque que a educação pública merece.

Era necessário que a gente despertasse para o verdadeiro valor que temos dentro da sociedade. Aí então podemos mostrar que vale a pena lutar, mostrar para os nossos filhos, para a sociedade que a escola pública tem que ser de qualidade e que ainda não é. Enquanto nós tivermos escola com professor ganhando mal e sem estrutura, a escola não é de qualidade. Só a escola pública vai transformar a sociedade com cidadãos fraternos. (MORAIS, 2014)

O diretor de comunicação da APP, Luiz Carlos Paixão, incentiva que o episódio de 30 de agosto, que em 2015 completa 27 anos, seja usado como referência na luta.

Na data do 30 de agosto nós levamos para as ruas a alma dos educadores, a alma da educação. Por isso, é fundamental que todos nós, que defendemos a educação pública, possamos estar juntos levando para a população e o governo as principais bandeiras das nossas reivindicações. (PAIXÃO, 2014)

A condição dos profissionais da educação sofreu mudanças desde 1988, mas ainda é marcada pela luta pelo reconhecimento. Andréa Marins Coelho, professora em Curitiba, ajuda a fazer um panorama da situação desenvolvida nesses 26 anos.

A gente está vivendo um momento que não é dos melhores, que a gente já viveu enquanto funcionário. É importante que a gente fique unido, mostrando para os políticos, para o governador, para todos que nós queremos melhorias na educação. Uma educação de qualidade com pessoas valorizadas dentro de sua carreira. (COELHO, 2014)

Segundo as próprias publicações da APP-Sindicato, existe um esforço para não deixar que sociedade, poder público e profissionais da educação pública do Paraná se esqueçam da violência sofrida pelos professores, muito menos dos motivos pelos quais a luta se efetivou.

#### 4.2. OUTRAS VOZES DE 1988: ÁLVARO DIAS

Para prestar esclarecimento à população do Paraná, especialmente à classe de professores estaduais, sobre as decisões tomadas pelo Governo do Estado, o então governador Alvaro Dias publicou uma nota no jornal O Estado do Paraná, em que iniciou dizendo que:

Alguns professores, aqueles que ainda insistem nessa greve injusta, tentando dar alento a um movimento que já nasceu errado, e agora sem apoio da base está morrendo, acabaram de criar uma situação que muito envergonha o Paraná, reconhecido nacionalmente pela civilidade, cultura e educação de seu povo (Jornal O Estado do Paraná, 1988)

No texto, o então governador argumenta que o governo sempre esteve aberto ao diálogo, mesmo com o país vivendo um momento de grande dificuldade financeira, ou seja, Álvaro Dias usa as próprias greves existentes no cenário nacional do período como justificativa. Na época, o Brasil estava marcado por greves organizadas como uma resposta à hiperinflação e ao arrocho salarial.

O governador justifica a ação dos policiais como uma ação em defesa da Assembleia Legislativa e da própria democracia, frente à violência iniciada pelos sindicalistas. Ele diz que a ação do governo não foi desproporcional, uma vez que, desde o início, os professores estavam “mal-intencionados” e tinham objetivos externos aos da maioria dos professores. Ainda em nota mais recente e postada em seu Blog no mês de agosto de 2011, Alvaro Dias afirma que esse evento foi utilizado com má fé posteriormente, e que, segundo uma pesquisa realizada na época, 80% da população aprovava a ação do governo.

No dia 30 de agosto de 88 reuniram-se em frente ao Palácio Iguazu, além de professores, petroleiros, operários da construção civil e centenas de “infiltrados” importados do ABC paulista para provocar o enfrentamento. Orientei na véspera o secretário de Segurança Pública para que oferecesse segurança aos manifestantes. Políticos interessados no tumulto lá estavam. Houve provocação e enfrentamento entre manifestantes e policiais militares. Todas as providências foram adotadas. Determinei a instauração do Inquérito policial militar para apurar responsabilidades. Recorri ao Ministério Público e a população segundo pesquisas à época (80%) se manifestou favoravelmente ao posicionamento do governo. A exploração política da versão e não do fato, 23 anos depois, vem sempre carregada de má fé. (DIAS, 2011)

A greve de 1988 é até os dias de hoje vinculada ao nome de Alvaro Dias não só pelos professores, mas por muitos dos paranaenses que se lembram do acontecimento. Se de um lado o ex-governador se justifica com a dificuldade encontrada em âmbito nacional e acusando os docentes de uma articulação mal organizada e de má fé, como visto nas citações anteriores, do outro lado os professores usam os acontecimentos do 30 de agosto como bandeira para que o profissional seja reconhecido e receba a visibilidade que deseja. A luta dos docentes, que já existia bem antes de 1988, continua nos dias de hoje, com algumas reivindicações muito semelhantes às da data.

### 4.3. REIVINDICAÇÕES ATUAIS

O sindicato dos profissionais da educação do Paraná é um dos maiores do estado. A articulação na busca por melhores condições de trabalho continuou ao longo dos anos, permeada por várias greves e paralisações. Em 2015 os docentes deflagraram greve mais uma vez. O motivo inicial foi a tentativa de impedir que fosse votado um projeto do Governo do Estado no qual está proposto o uso dos recursos do Fundo de Previdência dos Servidores Estaduais para ajudar a resolver problemas com o caixa do Estado. Além disso, os profissionais também pediam reajuste salarial, no mínimo a reposição da inflação do período. A mobilização volta a tomar força e reconhecimento perante a sociedade, unindo várias classes e ganhando atenção da imprensa.

#### 4.3.1. 29 DE ABRIL DE 2015

Uma data marcante na mobilização de 2015 foi o dia 29 de abril. Naquela quarta-feira, os professores, organizados pela APP-sindicato, marcharam até a Assembleia Legislativa do Paraná, pois o projeto que aprovaria o uso do dinheiro da Paraná Previdência para ajudar a pagar as dívidas do Estado estaria em votação. A Polícia Militar tomou medidas drásticas para conter a marcha, fazendo uso de jatos d'água, gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral, balas de borracha e cachorros. O ataque aos professores deixou 213 pessoas feridas.

O argumento da Secretaria de Segurança Pública (SESP) para justificar o uso de força extrema da PM foi que haviam grupos de “baderneiros” e organizações do grupo *Black Bloc*, conhecido por depredar monumentos e estabelecimentos públicos e privados, logo na linha de frente dos manifestantes. As pessoas que estavam na Praça Nossa Senhora de Saete, local do ataque da PM aos manifestantes, no dia afirmam que essa justificativa é inválida, uma vez que os soldados lançaram as armas de força no meio da multidão, e não apenas na frente, onde o grupo estaria localizado. A SESP também divulgou imagens de pequenos grupos preparando líquidos em garrafas PET, dizendo que eram os tais “baderneiros” armando bombas caseiras. Mas, no dia 05 de maio, a direção da Universidade Estadual de

Londrina (UEL) chamou a imprensa para uma coletiva, esclarecendo que as pessoas identificadas nos grupos mostrados pela SESP eram alunos do curso de Farmácia e estavam lá preparando soluções que neutralizavam o efeito do gás lacrimogêneo, com o objetivo de ajudar os professores e demais manifestantes que estavam presentes.

A greve de 2015 deixou um milhão de alunos sem aulas. Pressionado, o Governo começou a se articular para tomar medidas mais efetivas a fim de melhorar a situação. O Secretário Estadual de Educação, Fernando Xavier, pediu demissão do cargo. Dias depois foi a vez do Comandante da PM, César Kogut, e do próprio Secretária de Segurança, Fernando Francischini.

Em junho de 2015, os professores pediam o reajuste salarial imediato de 8,17%, repondo a inflação do período. O governo do Estado ofereceu um reajuste parcelado: a inflação medida entre maio e dezembro de 2014 concederia um aumento de 3,45%, que seriam divididos em três parcelas nos meses de setembro (1,15%), outubro (1,15%) e novembro (1,15%). Já a inflação de 2015, estimada pelo governo em 8,5%, seria paga em janeiro de 2016. A data-base seria alterada para janeiro a partir de então. Os professores recusaram essa proposta argumentando que, segundo estudos preliminares sobre a data-base oferecida pela administração Beto Richa, cada servidor perderia meio salário com a estratégia de pagamento oferecida pelo governo.

Até junho de 2015, data de entrega deste Trabalho de Conclusão de Curso, os professores continuavam em greve.

## 5. O OLHAR DA IMPRENSA: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DURANTE A ÉPOCA

Neste capítulo procura-se fazer uma análise de três das publicações de maior circulação no estado durante o período da greve de 1988, percebendo qual a representação feita sobre a mobilização dos professores, suas reivindicações, o posicionamento do governo e o espaço cedido às opiniões da população sobre o fato.

### 5.1. “FOLHA DE LONDRINA”

A primeira notícia sobre a greve dos professores publicada na Folha de Londrina data de 02 de agosto de 1988 é a ameaça de paralisação. Além de divulgar sobre a possível greve, o texto inicia abordando o retorno dos alunos que estavam em férias e a chance deste número expressivo (1,2 milhão) de alunos permanecer fora das salas de aulas. Uma fala da então presidente da APP, Isolde Benilde, aponta uma possível mudança de opinião do governador Alvaro Dias em relação à greve, o que estaria deixando os professores insatisfeitos. O autor da notícia explica a situação demonstrando que Álvaro Dias, em 1981, quando ocupava o cargo de Deputado Federal, incitava a greve dos professores por melhores salários e declarava justa uma ação semelhante.

Quando ele era deputado federal, em 1981, instigava a categoria a lutar por melhores salários e considerava justa uma greve neste sentido. “Hoje seu discurso é outro, prefere nos colocar contra a comunidade” – acusa Isolde Benilde. Com a greve 65 mil professores deixarão as 3 mil escolas sem aulas. (*Folha de Londrina, 02 de agosto de 1988, p. 10*).

O jornal demonstra a mudança nos interesses de Alvaro Dias em relação à greve. Quando era deputado federal, apoiar a greve era favorável, mas, enquanto governador, a greve não era aceitável, no sentido de atingir diretamente o seu governo, suas ações. Em uma notícia publicada dois dias depois, com o título “Álvaro apela aos professores”, o governador tenta demonstrar a impossibilidade de conceder o aumento que está sendo reivindicado devido aos poucos recursos que o Estado tem disponível. Ele

afirma que “Decidir pela greve não é justo nem legítimo, dada as dificuldades financeiras porque passa a administração pública” (Folha de Londrina, 04 de agosto de 1988, p. 9).

Em vários momentos o governador Alvaro Dias aponta as dificuldades que o estado teria em atender às reivindicações dos professores, devido à falta de recursos. Esse argumento é rebatido na notícia, através da fala de Benilde. A presidente da APP contrapõe a alegação do governador de falta de recursos financeiros expondo o uso da propaganda para divulgar as ações do Governo, a fim de mostrar sua imagem positiva enquanto político. O jornal, neste sentido, se posiciona em uma tentativa de neutralidade, demonstrando ambos os lados. Ele deixa explícito os interesses e os pontos de vista dos envolvidos: para o Governo a greve não poderia acontecer. Não havia como atender a reivindicação de aumento salarial dos professores devido à falta de recursos financeiros para tal. Por outro lado, os professores, por meio de sua entidade representativa, afirmam a legitimidade das exigências e apresentam o uso indevido de dinheiro público com propaganda, tentando mostrar que há sim possibilidade de aumento salarial, e deixando transparecer a indignação com os gastos que promoveriam a imagem do governador.

A decisão sobre a greve dos professores, do ano de 1988, foi tomada no dia 5 de agosto, e a primeira página do jornal do dia seguinte já estampava uma fotografia da passeata dos professores após a assembleia realizada em Curitiba, que decidiu pela paralisação. A greve começaria na segunda-feira seguinte, dia 8 do mesmo mês. A fotografia apresentada pelo jornal traz várias pessoas com faixas, caminhando por uma avenida, mas o destaque está para uma faixa, que se encontra bem a frente, com os dizeres “Quem não luta por seus direitos não merece direito algum”, uma justificativa clara para o movimento que estava sendo iniciado.

Ainda sobre esta notícia, juntamente com a nota completa sobre a decisão dos professores e a manifestação que se seguiu, mais uma fotografia, que oferece destaque a outro cartaz, onde se pode ler “Greve: instrumento legítimo de toda categoria profissional que se sinta prejudicada pela política governamental”. Na frase, há a menção ao seu autor, o local e data da

publicação: Alvaro Dias, Folha de Londrina, 1981. Mais uma vez o jornal divulga a “mudança de opinião” do Governador do Estado. Este artifício foi um mecanismo utilizado pelos professores para justificar o movimento e ao mesmo tempo combater as ideias apresentadas pelo governo, que tinham como objetivo deslegitimar a greve dos docentes.

A Folha de Londrina trouxe em suas páginas as reivindicações dos professores e as justificativas do governo para não as atender, mas também deu destaque para a ambiguidade de discursos de Alvaro Dias em diferentes momentos de sua vida política. Dessa forma, percebe-se o compromisso em mostrar os dois lados da história, mas com um posicionamento favorável à luta dos professores.

No dia 29 de agosto, o jornal apresenta uma notícia sobre as demissões que o governo do estado começaria a fazer. No lugar dos professores afastados, entrariam as pessoas das vagas remanescentes de concursos anteriores. Na matéria aparecem mais dois enfoques sobre o tema: a denúncia, feita pelo governador Alvaro Dias, de que haveriam infiltrados de outros estados entre os grevistas; e as dificuldades pelas quais os professores instalados a ALEP passavam.

Hoje os professores completam 13 dias de “ocupação” na Assembleia Legislativa, e durante a última semana foram proibidos de entrar e sair do prédio. Cada professor que sai do plenário, não volta. No final de semana, os que ainda resistem nas galerias da Casa tomaram 15 minutos de sol, saindo em fila indiana, acompanhados dos seguranças, em dois turnos. (*Folha de Londrina, 29 de agosto de 1988, p. 9*)

Na mesma página, uma outra matéria registra o intenso aparato policial usado em um evento no qual Alvaro Dias recebeu o título de sócio honorário de um clube na cidade de Londrina.

No dia seguinte, no espaço de opinião do leitor, algumas cartas incentivavam o diálogo entre o governador e a categoria. O público da Folha de Londrina compara as atitudes de repressão do governo aos tempos de “AI-5”, durante a Ditadura Militar. Em um texto um leitor se diz decepcionado por ter votado em Alvaro dias quando seu discurso era diferente do apresentado no momento.

O tratamento violento recebido pelos professores no dia 30 de agosto é

estampado logo na primeira página do dia seguinte. Nas próximas páginas, a matéria com o título “Curitiba vira praça de guerra” traz informações sobre a maneira como a passeata foi interrompida. O jornal ressalta, com várias fotos, as dificuldades vividas por professores que foram feridos e detidos. As expressões usadas pela Polícia Militar e pelo Governo do estado foram todas colocadas em aspas, mostrando o distanciamento da publicação com as justificativas apresentadas.

O saldo final da passeada dos pais de alunos e professores da rede estadual foi um grande número de feridos por golpes de cassetetes, explosões de bombas de efeito moral e cerca de 10 detenções, por “distúrbio da ordem social”. (*Folha de Londrina, 31 de agosto de 1988, p. 9*)

Entre as matérias dispostas na página do jornal, aparece, no centro, uma matéria com o título “Apesar das ameaças, muitas escolas ainda sem aulas”. O texto traz fontes da APP dizendo que a greve continua e atinge de 60 a 100% dos municípios. O Jornal classifica a paralisação como “abrangente”.

A Folha de Londrina manteve sua posição favorável aos professores, dando espaço para várias pessoas atingidas e apresentando a opinião do governo com distanciamento.

## 5.2. “O ESTADO DO PARANÁ”

O Jornal “O Estado do Paraná” trouxe várias reportagens que tratavam das ações dos professores, do movimento grevista tendo como foco o professor e a APP. Outras reportagens tiveram como foco o Governo do Estado e seu posicionamento diante da greve, seja por meio do Secretário da Educação ou do governador Álvaro Dias. Algumas reportagens vinham acrescidas da resolução da Secretaria da Educação determinando a rescisão dos contratos de trabalho de alguns professores. As reportagens geralmente são interligadas, e, mesmo usando como enfoque os acontecimentos daquele dia, acabam comentando outros assuntos referentes ao tema, como a questão salarial, a adesão ao movimento, a receptividade da greve por parte dos pais e o posicionamento do governo.

A primeira notícia publicada sobre a greve tem como título “Professores

param as escolas do Paraná". O texto traz ao mesmo tempo a decisão sobre a greve, a reivindicação de aumento salarial e o posicionamento do secretário da Educação:

Os professores das escolas estaduais decidiram ontem entrar em greve por tempo indeterminado, começando ontem mesmo, reivindicando piso de oito salários mínimos de referência, hoje em torno de Cz\$ 83 mil. Eles não aceitam as alegações do governo do Estado da impossibilidade orçamentária de dar aumento. O secretário da Educação, Belmiro Valverde, garantiu ontem que estão montados esquemas para garantir a continuidade das aulas. Valverde disse que vai esperar até segunda-feira para ver a extensão da "decisão infeliz" dos professores e colocar os esquemas em funcionamento. (*O Estado do Paraná, 06 de agosto de 1988, p. 1*).

O título já é bastante sugestivo, pois traz os professores como sujeitos de uma ação que não parece boa: o ato de parar as escolas do Paraná. Ou seja, impedir o seu pleno funcionamento é uma ação que contraria o bom funcionamento da escola, e para quem lê já direciona a interpretação de que os professores estariam contrariando uma ordem social estabelecida.

No texto, o jornal mostra a decisão da greve, a reivindicação da categoria, a não aceitação da posição do Governo do Estado e os pronunciamentos do secretário da Educação, mas a reportagem aponta para uma espécie de ameaça, com a garantia de funcionamento das escolas, e a reprodução do que seria uma fala do secretário, apontando a greve como uma "decisão infeliz" por parte dos professores.

Em outra reportagem dessa mesma edição o jornal discorre também sobre a passeata que se seguiu à tomada da decisão pela greve, e que teve como ponto final o Palácio Iguazu, sede do governo do Estado. Segundo o texto, os professores queriam a greve e não demonstraram insegurança com a decisão. Ainda é destacada uma fala da presidente da Associação dos Professores do Paraná, APP, Isolde Benilde, onde ela argumenta que "A questão salarial é primordial", mostrando o interesse dos professores com a greve, que seria principalmente o aumento salarial. Esta reportagem também traz um perfil do professor que estava em greve naquele momento, seus

posicionamentos diante do governo do Estado:

Os professores acusam o governo de não repor os salários e utilizar indevidamente o dinheiro arrecadado com impostos. Na campanha eleitoral e propagandas do governo. (*O Estado do Paraná, 06 de agosto de 1988, p. 8*).

O trecho aponta uma acusação: os professores estavam indignados com o uso de dinheiro para propagandas do governo enquanto havia a alegação de que o Estado não poderia conceder os aumentos desejados. Essa acusação é sintetizada na frase “Tem dinheiro para eleição, mas não tem para a educação”, colocada como palavras de ordem dos grevistas durante a passeata e reproduzida no texto. Mais à frente, uma nova fala de Benilde trata da questão do medo:

“Nós não temos medo de ameaças nem de demissões”, se referindo às declarações do governador e secretário. O professor que aderiu a greve é demonstrado como atento às questões políticas do Estado, ciente dos gastos públicos, engajado e sem temor de consequências que as ações possam acarretar. (*O Estado do Paraná, 06 de agosto de 1988, p. 8*).

Os professores, de acordo com outra nota, faziam referência aos resultados de greves em outros estados. Foi noticiada uma reunião da APP, realizada para avaliar os resultados dos dois primeiros dias de greve e traçar estratégias para os dias seguintes, em que, além da descrição do apoio dos docentes universitários que atuavam na UFPR, houve uma lembrança em especial descrita no texto:

Foi lembrado por vários oradores que no ano passado, no Rio Grande do Sul, os professores permaneceram paralisados durante 97 dias, 248 diretores foram demitidos, mas as reivindicações da classe foram finalmente atendidas. A audiência inteira aplaudiu a observação. (*O Estado do Paraná, 07 de agosto de 1988, p. 10*).

Os aplausos a esta observação denotam o reconhecimento da importância do movimento grevista, e que, ao menos nesse início da greve, os professores não tinham medo de uma greve prolongada, pois mesmo com demissões e com mais de três meses de paralisação, os professores do Rio Grande do Sul haviam alcançado o que era pretendido. Além da motivação para a continuidade do movimento, havia o reconhecimento de que era uma luta

válida.

No texto o jornal explora a contradição nos números divulgados pela secretaria da Educação e pela APP com relação à adesão ao movimento. O fato de haver diferentes informações sobre a greve dos professores e também a fala do governador Álvaro Dias pedindo que os pais enviassem os filhos à escola causou grande confusão nas escolas no início da greve. Os professores estavam paralisados, apenas algumas escolas estavam em atividade, mas o governador afirmava em várias notícias que os pais deveriam enviar os filhos para as escolas, pois estavam funcionando normalmente.

Ainda sobre a questão das informações destoantes dadas pelo governo do Estado e pela APP a que o jornal se refere, nos números citados na reportagem sobre a nota oficial do governo do Estado a respeito da greve, não há menção sobre as estatísticas de adesão ao movimento apresentadas pelo governo, apenas na notícia que trata da APP é que esta contradição é comentada. Nesse texto, um ponto merece destaque: um trecho da reportagem diz que “Apesar das ameaças do governo, a Associação dos Professores do Paraná decidiu continuar a greve e aumentar a paralisação.” Este trecho dá margem a interpretações diferentes, pois pode-se entender que, mesmo com as ameaças, a APP permanece firme e continua a greve. Ou então, a entidade parece estar cometendo um erro, pois mesmo ciente disso, sendo ameaçada pelo governo, continua com a greve.

Nas linhas seguintes o jornal apresenta os dados sobre as escolas e professores de Curitiba, mostrando os números apurados de escolas funcionando total ou parcialmente, mas, mesmo assim, permanece ainda um destaque para o ponto citado acima, o que implica num direcionamento para aquela interpretação.

Sobre o 30 de agosto, o jornal destacou que “os professores queriam ser recebidos por um representante do governo do Estado. Mas a polícia cercou a área do Palácio Iguazu. Houve violência.” O texto aponta para o descaso com os professores que tinham a intenção de serem recebidos por um representante do governo e, ao contrário, foram recepcionados pela polícia com violência.

A matéria mostra uma concordância com a ideia de violência contra os professores, colocando-os como vítimas da situação.

O objetivo com a passeata era iniciar negociação com o governo, mas, a recepção da polícia não foi adequada. Ao começar o conflito, com os policiais impedindo o carro de som de chegar à frente do Palácio Iguçu, e retirando à força o motorista, iniciou o “corpo a corpo” segundo a nota, que aponta para a luta corporal entre professores e polícia. Os manifestantes gritavam “abaixo a repressão”, e “o povo na raça já tomou a praça”. Mas os policiais pareciam não se incomodar com os protestos. Diziam apenas que cumpriam “ordens”. E ao som do Hino Nacional num determinado momento e mesmo quando os professores não podiam nem cantar, continuaram soltando o gás na multidão e empurrando os grevistas, fazendo um cerco em volta dos manifestantes. (*O Estado do Paraná, 31 de agosto de 1988, p. 8*).

Neste trecho, percebe-se o destaque dado à fala dos professores. O “abaixo a repressão” fica marcante se analisarmos o contexto da época, lembrando períodos anteriores, principalmente relacionados à ditadura civil e militar no Brasil. Outro ponto relevante do texto é que os policiais, segundo o jornal, pareciam não se incomodar com os protestos dos professores, pois estariam realizando sua obrigação, cumprindo ordens.

O jornal deixa transparecer que a função dos policiais naquele momento era essa: impedir a manifestação, não importando como isto pudesse ocorrer. Nas notícias posteriores ao conflito os professores reforçam a ideia de violência praticada pelo governo. Entre as ações dos professores aparecem montagem de painéis no centro de Curitiba, mostrando fotos e notícias do confronto e passeatas e manifestações em várias cidades do Estado.

### 5.3. “GAZETA DO POVO”

A primeira reportagem do jornal Gazeta do Povo é do dia 05 de agosto e anuncia a assembleia dos professores que iria acontecer naquele dia para decidir pela greve ou não. No texto, a pauta de reivindicações é apresentada como extensa e com foco principal no salário. O jornal dá espaço para a fala do governador Alvaro Dias, com suas justificativas para não renegociar o salário, mas ressalta que o diálogo entre o governo e a categoria estava marcado para novembro do ano passado e continuava sendo adiado desde então.

No dia após a assembleia, o jornal publicou uma matéria com a decisão da categoria e a previsão de adesão para os próximos dias. Assim como a Folha

de Londrina, o jornal também apresenta o momento em que é lembrada a frase “Quem não luta por seus direitos não merece ter direito algum” do governador Alvaro Dias, dita na reunião pelo professor Paulo Maia. O jornal esclarece a situação salarial dos professores a partir da fala do técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos).

Ele explicou que, embora nos últimos quatro meses os professores estejam recebendo reajustes mensais acima da variação da URP, a categoria está com seus salários corroídos em mais de 50% em relação ao seu poder de compra em março de 87. (*Gazeta do Povo*, 06 de agosto de 1988, p. 36)

A greve dos professores é lembrada em quase todas as edições do jornal, que sempre apresenta pelo menos as duas versões da discussão – profissionais da educação e governo do estado – seja na mesma matéria ou em textos separados. Nas edições seguintes as reportagens demonstram a preocupação com os alunos que estão sem aulas, dizendo que “a regularidade dos 1,2 milhão de alunos não pode ser interrompida” e que “a maior prejudicada é a população paranaense”. Nesse ponto o jornal não nega a luta dos professores, mas aponta vários aspectos negativos da greve. Nessas matérias, a fonte mais recorrente para reforçar a importância de que os alunos tenham aulas é o próprio governador Alvaro Dias, o que dá uma ideia de que o jornal favorecia a opinião do governo, analisando a difícil situação econômica pela qual o estado passava.

Com o andamento da greve os textos deixam de apresentar os números de alunos sem aulas. Eles continuam apresentando os vários argumentos das partes envolvidas, reforçando dualidade de discurso de Alvaro Dias antes e depois da greve dos professores e também citando denúncias de piquetes agressivos por parte de alguns grevistas. Os números de escolas que aderiram ao movimento, segundo a Secretaria Estadual de Educação e a APP-Sindicato, são bem destoantes: 20% e 85%, respectivamente. A *Gazeta do Povo* sempre apresenta os dois discursos, cumprindo seu caráter informativo, mas não faz nenhum cruzamento dos dados que procure mostrar qual amostra está mais próxima da realidade.

Depois do dia 16 de agosto, quando a Assembleia Legislativa foi ocupada pelos professores, o jornal ressalta a dificuldade de negociação pela qual os

profissionais estavam passando

A Associação dos Professores do Paraná (APP) que liderou a ocupação da Assembleia na terça-feira, manifestou ontem sua posição de manter a "vigília ao diálogo" por tempo indeterminado, até que o governador aceite negociar. Mas, o governador Alvaro Dias mandou um recado duro aos grevistas: "não se negocia o inegociável". Diante dessa posição do governo em não recuar na sua postura assumida desde o início do movimento, o impasse está criado. (*Gazeta do Povo, 18 de agosto de 1988, p. 48*)

No dia 21 de agosto é publicada uma entrevista de meia página com o Secretário Estadual de Educação, Belmiro Valverde Jobim. O jornal apresenta vários "olhos", trechos da fala do entrevistado em destaque, com frases como "Se a paralisação se prolongar haverá esquemas especiais." e "O sistema é muito ocioso, ele só é sobrecarregado nas primeiras séries."

No dia 25 de agosto é dado destaque à adesão dos pais de alunos ao movimento dos professores, que ajudaram a somar cerca de três mil pessoas na maior manifestação desde o início da greve até o momento. É curioso que a reportagem cita a "presença de grande contingente de policiais femininos", sem fazer qualquer relação dessa informação com algum outro fato.

A primeira página da edição de 31 de agosto traz o título "Passeata faz do Centro Cívico praça de guerra". No interior do jornal, a matéria conta que o tumulto começou quando dois carros de som tentaram entrar em local bloqueado e que logo depois a polícia agiu com violência contra o condutor da Brasília amarela da APP, o professor Arnaldo Vicente. Durante o texto também são relatados os momentos de "tumulto" causados pela polícia montada para dispersar a multidão e as agressões sofridas por pais de alunos e jornalistas que estavam presentes. A reportagem ressalta a busca pela versão do governo e apresenta um fato irônico.

Quando os jornalistas se dirigiram ao Palácio Iguazu, com o objetivo de entrevistar o coronel Wantuil Borges, comandante da PM do Paraná, encontraram às portas do Palácio uma comissão que está promovendo em Curitiba o primeiro simpósio sobre violência. (*Gazeta do Povo, 31 de agosto de 1988, p. 56*)

Como já foi observado, a cobertura da Gazeta do Povo apresenta os dados e depoimentos de ambas as partes da greve, mas essas informações não

são colocadas em confronto no mesmo texto, apenas aparecem para ilustrar os posicionamentos, sem que um lado rebata o outro. Desse modo, o jornal parece agir mais com distanciamento do que com imparcialidade, uma vez que argumentos do governo têm mais destaque em algumas reportagens, como na entrevista com o Secretário da Educação.

## **6. RADIODOCUMENTÁRIO “1988 E 2015: AS GREVES DOS PROFESSORES NA VOZ DE SEUS PERSONAGENS”**

Roteiro para o radiodocumentário “1988 e 2015: as greves dos professores na voz de seus personagens”.

ABRE ÁUDIO – Relinchos e pessoas gritando. Marcha de cavalos e militares.

**Sonora Isolde Benilde - Toda greve machuca bastante a gente, mas aquela de 88 foi muito difícil porque no dia 30 a gente teve esse grande incidente que foi na verdade uma guerra.**

**Sonora Arnaldo Vicente- um grupo de dirigentes da APP sindicato ocupou aqui a ALEP e aí eles ficaram isolados e foi exatamente para romper com esse isolamento que a gente organizou aquela manifestação.**

**Sonora Isolde Benilde - nós apelamos para vários momentos até de sentimentalismo para ver se aquilo melhorava a situação e quanto mais a gente fazia isso, mais policiais chegavam armados, mais cães adestrados chegavam, cavalos, soldados montados a cavalo.**

**Sonora Arnaldo Vicente - Quando eles perceberam que estavam perdendo o controle eles jogaram uma bomba dentro do carro. Jogaram uma bomba dentro do carro.**

**Sonora Walter Rodrigues- Eu fui do pelotão de frente, um dos primeiros a chegar. Não houve muita resistência, eles estavam de mãos atadas, não tinham o que fazer e nós tínhamos o arsenal de defesa para retirá-los de lá.**

**Sonora Isolde Benilde- muito doído, muito triste a gente lembrar e a gente pensava e sonhava que nunca mais acontecesse uma coisa dessas e agora foi em dose multiplicada né. No dia 29 de abril. A gente fica triste porque a gente sabe que mudança na educação não se faz assim né, se**

**faz em muito tempo. Um escritor alguém aí já disse que precisa mais de 20 anos e nós passamos mais de 20 e a dose se repetiu.**

**OFF 1:** O sentimento vivido por Isolde Andreatta foi o mesmo em dois dias: 30 de agosto de 1988 e 29 de abril de 2015. Essas duas datas marcam episódios sangrentos na história de luta dos professores da rede pública estadual do Paraná. A categoria se mobilizou para conseguir melhores condições de trabalho, mas encontrou dificuldades para realizar um diálogo com o governo do estado. Uma série de erros de negociação e articulação acabou gerando um tratamento violento e descontrolado contra os profissionais da educação. Os acontecimentos do dia 29 de abril de 2015 têm semelhanças com a história que começou em 1988.

SONS DE CAVALOS E BOMBAS

CORTINA – MUDANÇA DE TEMA

Parte 1: Contexto de 1988

**OFF 2:** O ano de 1988 é marcado pela abertura política do Brasil. Após os anos de repressão e censura impostos pelo Regime Militar, de 1964 a 1985, o país retornava aos moldes da democracia. Uma nova constituição era preparada e seria aprovada em outubro daquele ano. Um novo sistema partidário foi criado, com novos partidos e líderes sociais. No Paraná, a reabertura democrática começou um pouco antes, com as eleições de 1982, vencidas por José Richa. Ele teve um mandato marcado pelo diálogo, pela articulação política e pela democracia. Quatro anos depois, em 1986, Alvaro Dias é eleito o novo governador do Paraná. O presidente do Brasil nesse ano era José Sarney, que teve um governo marcado pelo descontrole da economia e da inflação. O sociólogo e professor da UFPR, Ricardo Oliveira, explica como essa situação afetava diretamente os trabalhadores brasileiros.

**Sonora Ricardo - A situação dos trabalhadores era muito difícil porque havia um desemprego alto naquela época.**

**Havia desemprego, havia carestia, inflação elevadíssima, ainda do período posterior ao fracasso do plano cruzado, foi um plano de 1986. E, com isso, os trabalhadores assalariados, que foram convocados, obrigados a pagar o preço da crise. E com isso também gerou instabilidade.**

**Esse cenário todo apontava para as necessidades dos trabalhadores, e principalmente a inflação, que havia remarcações diárias, semanais ao longo de toda a década devido à inabilidade administrativa, política e fiscal e também pelo fato de ainda ser uma transição da ditadura para a redemocratização ao longo de toda a década de 80, nesse período.**

**OFF 3:** As condições de hiperinflação, por afetar os assalariados, motivaram greves em vários setores. Bancários, metalúrgicos, trabalhadores rurais e servidores públicos foram exemplos de grupos que se organizaram e manifestaram por melhores salários e condições de trabalho. No Paraná, o movimento dos professores era reconhecido como ativo, forte e de grande participação.

CORTINA – MUDANÇA DE TEMA

Parte 2: Professores

SONS DAS REIVINDICAÇÕES

**OFF 4:** Em 1988, os profissionais caminhavam para a quarta greve desde o início da década. A pauta era extensa, segundo Isolde Benilde Andreatta, que em 88 era presidente da Associação dos Professores do Paraná, conhecida depois como APP Sindicato. A greve daquele ano, deflagrada no dia 05 de agosto, pedia manutenção dos espaços físicos das escolas, atenção à falta de material escolar, convocação de professores aprovados em concurso público e a garantia do piso de três salários mínimos, direito conquistado em 1986 e alterado em 1988, com a criação do salário mínimo de referência.

**Sonora Isolde - No mês de dezembro, antes dos deputados entrarem em recesso, eles aprovaram à noite uma lei. A lei que falava do nosso piso salarial. Eles transformaram os termos usados na especificação de como seria pago**

**então eles puseram o salário mínimo de referência que na época era uma designação do salário mínimo do Brasil. Não era simplesmente salário mínimo, seria um salário mínimo de referência e essa referência eles podiam fazer como quisessem.**

**a categoria foi descobrir meses depois que tinha sido mexido nessa lei nós vimos que o nosso salário estava sendo defasado, defasado e não tínhamos noção de que era a lei que estava mudada lá na assembleia.**

**OFF 5:** Após a fixação do salário mínimo de referência para os professores, o governo começou a corrigir os salários dos docentes não mais pelo salário mínimo real, mas pelo de referência, que não era reajustado. Esse foi um ponto decisivo na organização dos professores. A partir daí eles tomaram medidas para ter mais expressão e visibilidade. Uma dessas ações foi a tomada da Assembleia Legislativa do Paraná em 16 de agosto de 1988, como explica Isolde Benilde.

**Isolde Benilde - Nós fomos assistir uma sessão plenária da ALEP que trataria do tema**

**quando o presidente da assembleia percebeu que a gente estava numa maioria muito grande lá dentro, eles desistiram da sessão. Então nós resolvemos ficar dentro da Assembleia. Decidimos lá.**

**Eu estava dentro da assembleia, dormia lá dentro, comia lá, mas houve um momento que eles proibiram entrada e saída de pessoas. Quem estava lá dentro não saía e quem estava lá fora não entrava mais**

**OFF 6:** Por ser presidente da APP Sindicato, Isolde era uma das únicas pessoas autorizadas a sair e entrar da assembleia. Ela ajudou a organizar a passeata de 30 de agosto, que veio para reafirmar a luta da categoria e também como manifestação de apoio às pessoas que estavam isoladas na Assembleia. Arnaldo Vicente era acadêmico do curso de história e já lecionava

na área em 88. Ele relembra as dificuldades vividas pelos colegas que estavam dentro da ALEP e como isso mobilizou a categoria

**Sonora Arnaldo - O pessoal estava ficando isolado aqui e foi exatamente para romper com esse isolamento que a gente organizou aquela manifestação**

**Elas já estavam com muita crise, tinha gente querendo ir embora, eles faziam terrorismo à noite aqui na ALEP. Eles ligavam o ar muito frio, muito quente. Houve suspeita até de que eles colocaram fibra de vidro no ar condicionado, que as pessoas estavam tendo uma série de crises, além da dificuldade de entrar com alimentos para eles. Era uma coisa bem difícil e a ideia era trazer esse apoio, essa solidariedade para as pessoas que estavam aqui dentro.**

CORTINA – MUDANÇA DE TEMA

Parte 3: 30/08/1988

MARCHA DOS POLICIAIS E CAVALOS RELINCHANDO

**OFF 7:** O dia 30 de agosto de 1988 estava marcado para ser o dia D da educação no Paraná. Cerca de 30 mil pessoas, entre professores, alunos e pais estavam presentes. Eles se organizaram na Praça Rui Barbosa, no centro de Curitiba e marcharam até o Centro Cívico, rumo ao Palácio da Iguaçu. Arnaldo estava no carro de som da APP, uma Brasília amarela apelidada de “Jabiraca”. Enquanto ele puxava a passeata, encontrou com os policiais.

**SOM DE KOMBI E MARCHA DOS POLICIAIS**

**Sonora Arnaldo – Então, ali eles colocaram duas Kombis da PM cercando ali em frente à prefeitura**

**eles disseram que não podia passar com o carro, que as pessoas podiam passar, mas o carro não passava. E eu fui falando com ele ali, eu falava no microfone e colocava o microfone na boca dele e quando ele falou**

**comigo todo mundo em torno ouviu a conversa que a polícia estava tendo comigo. Aí ele mandou eu desligar o carro, eu desliguei, desengatei o carro e avisei que o carro estava desengatado que eu não ia sair dali E aí ele disse que a ordem que ele tinha do comando é que não podia passar e aí, como as pessoas perceberam que o carro estava desengatado, elas começaram a empurrar. Era uma Brasília, era fácil de empurrar. E as pessoas empurravam e eles começaram a empurrar no sentido contrário, mas 10 policiais contra uma multidão e o carro foi indo, foi indo. Quando eles perceberam que estavam perdendo o controle eles jogaram uma bomba dentro do carro. Jogaram uma bomba dentro do carro.**

ABRE ÁUDIO – MANIFESTAÇÃO, GRITOS DE ORDEM, CORRERIA E TIROS  
BG

**OFF 8:** Um tumulto foi gerado ao redor de Arnaldo, que logo foi tirado do carro de som. Enquanto isso, Isolde seguiu a pé com os outros colegas. Alguns metros adiante, depois de atravessar a multidão, que ficava cada vez mais densa, ela conseguiu enxergar a barreira formada na frente do palácio. De mãos dadas, os policiais afastavam os docentes que tentavam cruzar. Por ser a presidente da APP, ela foi avisada de que poderia entrar no Palácio Iguaçú. Logo depois de passar pelo cordão de força, os policiais se fecharam novamente.

**Isolde - Eles chamaram para entrar até o palácio que eu seria atendida pelo governador. Aí entendemos que nós seríamos chamados como comissão de negociação, mas, no que eu passei o cordão de isolamento, eles impediram e só eu poderia entrar. Aí eu me neguei, não entraria sozinha, não sou dona da categoria  
A gente tinha uma comissão de negociação eleita em assembleia com representantes da diretoria e da base. Então nós acabamos não entrando, eu me neguei a entrar e em seguida já estouraram as bombas, começaram a estourar as bombas.**

## **ÁUDIO – MANIFESTAÇÃO, GRITOS DE ORDEM, CORRERIA E TIROS**

**OFF 9:** Cavalos, cachorros, gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral. A violência vinha em diferentes formatos e de toda parte. Os professores Arnaldo e Isolde contam que a última tentativa de diálogo aconteceu entre os docentes e os soldados da PM que os atingiam.

**Arnaldo Vicente - esse tipo de diálogo a gente teve muito “oh, os seus filhos estudam nas escolas públicas, a gente está lutando para melhorar a escola pública, se melhorar a escola pública o seu filho vai ser beneficiado” a gente usava muito esse argumento.**

**Isolde Benilde- chegando cantando, nós cantávamos palavras de ordem, nós cantamos o hino nacional, nós rezamos o pai nosso, nós apelamos para vários momentos até de sentimentalismo para ver se aquilo melhorava a situação e quanto mais a gente fazia isso, mais policiais chegavam armados, mais cães adestrados chegavam, cavalos, soldados montados a cavalo...**

**OFF 10:** Logo no pelotão de frente da Polícia Militar estava o soldado Walter Rodrigues. Ele e seus colegas de trabalho estavam de prontidão no quartel, designados para agir como equipe de apoio para a Tropa de Choque. A ordem que receberam foi de retirar de qualquer forma, a medida de violência ou não, os manifestantes da frente do Palácio

**Sonora Walter - Tiramos as barracas, tivemos que usar da força com o cassete, chutar as barracas, desmontar e retirar da frente do palácio. Eu fui do pelotão de frente, um dos primeiros a chegar. Não houve muita resistência, eles estavam de mãos atadas, não tinham o que fazer e nós tínhamos o arsenal de defesa para retirá-los de lá.**

**A gente cumpre ordens, ordens são superiores. A gente trabalha com o coração partido porque a gente sabe a necessidade dos professores, sabe o que eles estavam passando, mas a gente tinha que cumprir, senão seríamos punidos.**

**ABRE ÁUDIO – MANIFESTAÇÃO DE 1988 (ÁUDIOS ORIGINAIS)**

**OFF 11:** Célio Martins, hoje editor de capa no jornal Gazeta do Povo, trabalhava como repórter na TV Iguaçu em 1988. No dia 30 de agosto ele acompanhou a passeata dos professores até o momento da repressão. Logo depois, teve a oportunidade de entrevistar o governador Alvaro Dias, que estava disposto a prestar esclarecimentos.

**Célio Martins – O jornal entrou no ar, na metade do jornal eu fui para o estúdio, cheguei lá o Alvaro Dias já estava sentado no estúdio Daí eu fui e a primeira pergunta é claro, se ele determinou. Ele disse que não determinou, o Alvaro Dias disse**

**O governador disse que o tumulto começou com os professores, que avançaram sobre os policiais. E os professores dizem que não foi bem assim, eles estavam se manifestando pacificamente e alguns policiais se alteraram e começaram a reprimir violentamente os manifestantes. Teve um comandante na época, eu não sei se foi o comandante geral ou um dos comandantes da PM, que apresentou um argumento de que os cavalos, por causa dos cachorros, das bombas, os cavalos perderam o controle**

**OFF 12:** Em nota enviada para a equipe de produção deste documentário, o ex-governador Alvaro Dias disse que não deu ordem para reprimir a manifestação. Ele também afirma que a Polícia foi chamada para proteger o público presente e manter a ordem.

**Sonora Alvaro Dias - Não se pode negar que os ânimos estavam exaltados, no âmbito dos professores em greve. Por outro lado, a PM estava ansiosa, devido exatamente a possibilidade de um confronto.**

**Eu, como Governador, convoquei o Secretário de Segurança Pública, o Comandante-Geral da PM e o Chefe da Casa Militar, a fim de dar instruções claras acerca do procedimento da força policial face à manifestação anunciada. Não autorizei o uso de nenhum tipo de**

**armamento, especialmente de bombas.**

CORTINA – MUDANÇA DE TEMA

Parte 4: Pós 30 de agosto

**OFF 13:** A divulgação dos acontecimentos na Praça Nossa Senhora de Salete resultou no fortalecimento da categoria. A professora Isolde Benilde e o jornalista Célio Martins contam como os fatos influenciaram no tratamento recebido pelos docentes.

**Isolde Benilde-** **A gente teve uma resposta muito boa da comunidade depois do 30 de agosto, porque enquanto a gente estava ali na praça, sendo recebido por aquelas bombas e por aquele tratamento de bandido, as famílias estavam acompanhando pela imprensa. Então alguns professores que ainda não tinham aderido à greve, algumas escolas que não estavam fechadas começaram a se movimentar e fazer de tudo para voltar a engrossar as fileiras e foi um fortalecimento muito grande da categoria.**

**Célio Martins-** **Até então o movimento não era tão grande assim, era mais daqueles professores engajados, sindicalistas, lideranças de professores e tal, claro que tinha professorado de sala de aula, tinha um número representativo, mas não era tão forte como depois da manifestação e daí sim nós tínhamos que fazer matéria. Tinha matéria todo dia. Na televisão tinha matéria todo dia, no impresso também. Porque a coisa cresceu e aumentou e saiu para fora do país, nos outros jornais também.**

**OFF 14:** O dia 30 de agosto nasceu com grande expectativa pelos professores do Paraná, mas terminou com feridas mais graves que as presentes na pele dos manifestantes. A divulgação das notícias sobre a data, feita pela imprensa local, chegou a nível nacional e internacional. O governo do Estado foi cobrado por justificativas, mas nenhum argumento apresentado anulava ou sequer amenizava o que foi visto, ouvido e sentido naquele dia. A ex-presidente da

APP-Sindicato, Isolde Benilde, conta a surpresa que os professores tiveram quando começaram a ser publicadas, no Diário Oficial do Estado, uma lista de demissão com o nome de vários docentes.

**Isolde - eram pessoas que tinham assumido cargo de professor, mas no estatuto fala de estágio probatório que são dois anos em que o professor fica vulnerável naquele cargo, mesmo já aprovado em concurso ele pode ser mandado embora sem um processo administrativo**

**OFF 15:** A professora Marlei Fernandes ainda estava na universidade em 1988. A notícia sobre as demissões gerou movimentou a turma de Letras onde estudava para direções opostas.

**Marlei - O governador Alvaro Dias demitiu uma série de professores, e na nossa sala, ele falou assim para os estudantes: enviem cartinhas, mais ou menos como o governo está tentando fazer agora, abrindo um novo contrato com as IESs para querer contratar profissionais universitários. Nada contra os universitários, mas não é momento ainda de assumir, principalmente substituir os professores que estão em greve. Naquele momento, eu me lembro assim que me marcou de fato em 88, além da violência acontecida no Centro Cívico, foi que alguns alunos da nossa sala, de alguns cursos de licenciatura, já estavam escrevendo cartinhas para o governador Álvaro Dias para serem contratados. Nós estudantes que já militávamos fizemos uma rebelião, rasgamos as cartinhas todas e dissemos "Não, nós apoiamos os professores, a luta deles", até porque nós já estávamos no caminho de também nos tornarmos professores.**

**OFF 16:** O ex-governador Alvaro Dias afirmou, através de nota enviada para a produção do radiodocumentário, que tomou as medidas necessárias para apurar a responsabilidades sobre os fatos. Ele denuncia a presença de membros de outras categorias entre os grevistas. Essas pessoas, segundo o ex-governador, estariam ali para fazer uma articulação política, uma vez que as eleições para o governo do estado estavam se aproximando. Alvaro Dias lembra o uso das imagens de 30 de agosto interferiram na sua campanha

eleitoral.

**Sonora Alvaro Dias - Não há como negar que as imagens, especialmente aquelas editadas com finalidade precipuamente eleitoral, interferiram, de modo negativo, em nossa vida política. No entanto, nada como o tempo para demonstrar que uma vida de coerência política e de defesa permanente da educação pública não se apaga tão facilmente. Os fatos posteriores, especialmente os mais recentes, demonstraram que promessas largas são, muitas vezes, mais prejudiciais, pela desilusão que ocasionam, que medidas de austeridade tomadas em função da defesa dos recursos públicos.**

#### **CORTINA DE SOM**

**OFF 17:** A gestão de Alvaro Dias fez o que pode para limpar as manchas deixadas pelo governo, mas o dia 30 de agosto nunca deixou de ser vinculado ao nome dele. Após terminar seu mandato em 1990, ele fica afastado do poder por mais oito anos. Alvaro Dias disputou a eleição para governador por mais duas vezes, mas foi derrotado. Segundo o sociólogo Ricardo Oliveira, o 30 de agosto custou caro para a imagem e trajetória do governador. Um saldo de dez anos de incerteza política.

**Ricardo - custou para Alvaro Dias, que ele ficou com uma imagem de ser um político mais à direita, conservador e quem bate em professor carrega esta marca até o fim da sua vida política.**

**Somente em 94 ele volta a concorrer, para a disputa do governo contra Lerner. Alvaro Dias perde a eleição e o voto dos professores foi fundamental e decisivo.**

**Depois, somente em 98 é que Alvaro Dias se elege para o Senado.**

**Mas novamente os professores desautorizam Alvaro Dias na famosa eleição para o governo de 2002. Alvaro Dias ganha no primeiro turno, em 2002, passa para o segundo turno. Alvaro Dias e Roberto Requião. Aí os professores e educadores apoiam muito mais o Requião que o Alvaro. E o Alvaro perde a eleição no segundo turno.**

SOM DE SALA DE AULA. ALUNOS CONVERSANDO.

BG

**OFF 18:** Os professores permaneceram com a greve, na esperança de estabelecer uma negociação com o Governador. Isto não aconteceu. Álvaro Dias estava aberto para o diálogo apenas com os professores de volta às salas de aula. O movimento grevista perdeu forças e, em 20 de setembro de 1988, numa assembleia na cidade de Maringá, os docentes decidiram pelo retorno ao trabalho, mesmo sem as conquistas que almejavam.

**CORTINA – MUDANÇA DE TEMA  
APRESENTAÇÃO 2015 - SONS DE TROPAS, MANIFESTAÇÃO,  
CONFUSÃO, BOMBAS E TIROS**

Parte 5: 2015

**OFF 19:** Vinte e sete anos se passaram desde 1988. Com o passar do tempo, 30 de agosto deixou de ser apenas uma data e se tornou símbolo da luta dos professores. Todos os anos, eles se reúnem nesse dia para marcar a importância da organização da categoria. E foi com o mesmo espírito de luta que os profissionais voltaram a se mobilizar em 2015.

**ÁUDIO – trechos de reportagens sobre as mobilizações**

**ÁUDIO – trechos de áudio das manifestações dos professores**

**OFF 20:** Para lutar pela garantia de direitos já conquistados anteriormente, como o plano de carreira, reajuste de vale-transporte e programas de aperfeiçoamento dos trabalhadores, os professores deflagraram uma nova greve no dia 9 de fevereiro. Além disso, eles voltaram a tomar a Assembleia Legislativa do Paraná. Isso foi feito para impedir a votação de um projeto que previa o uso dos recursos do Fundo de Previdência dos Servidores Estaduais para ajudar a resolver problemas com o caixa do Estado.

**SOM - trecho de reportagem comentando a invasão**

**SOM - trecho de reportagem comentando a entradas dos deputados por portões laterais, chegando escoltados...**

**ABRE ÁUDIO - invasão da ALEP**

**OFF 21:** Os professores conseguiram a garantia de seus direitos e impediram a votação. Com isso, após 29 dias de paralisação, eles voltaram para as salas de aula, mantendo o estado de greve.

**ABRE ÁUDIO – PROFESSORES RECEBENDO A NOTÍCIA DE QUE A VOTAÇÃO FOI SUSPensa**

**SOM – trecho de reportagem em que os professores voltam a entrar em greve**

**OFF 22:** Foi no dia 25 de abril de 2015 que os professores decidiram retomar a greve. O principal objetivo era mobilizar os servidores públicos do Paraná contra a aprovação do projeto da Previdência, pois essa medida afetaria não só os profissionais da educação. A categoria também foi em busca de melhores condições de salário, pedindo que o governo fizesse no mínimo a reposição da inflação do período. Marlei Fernandes, secretária de finanças da APP sindicato, relata a preocupação dos professores sobre as possíveis consequências da estratégia econômica utilizada pelo governo.

**Marlei Fernandes - na negativa de reajustar o salário no mínimo dos 12 meses da inflação, que é 8.17, o governo deseja fazer uma economia sobre os servidores de mais de 400 a 700 milhões durante este ano. Nós vamos perder, em termos de salário, que já são os menores salários do estado do Paraná, é o salário dos professores, é o salário de uma merendeira de escola, que recebe 780 reais por mês, em uma jornada de 40 horas**

**Então o governo retira 40% do nosso salário em um ano e em quatro anos retira aproximadamente quatro salários de todos os servidores, principalmente professores e funcionários de escola**

**OFF 23:** As relações entre a categoria e o governo do Estado, representado agora por Beto Richa, continuaram estremecidas. A falta de diálogo e

negociação continuou e estava para completar dois meses quando o projeto da Previdência voltou para a pauta da Assembleia Legislativa. A data da votação: 29 de abril.

Parte 6: 29/04/2015

### **SOM DE BOMBAS, TIROS, MANIFESTAÇÃO, GRITARIA**

**OFF 24:** Instabilidade econômica, greve, paralisação, ocupação da Assembleia Legislativa. O movimento dos professores do Paraná em 2015 já começava a ser comparado com 30 de agosto de 88. No dia 29 de abril, as peças das duas datas se uniram. Ônibus com professores de todo o Paraná chegavam na Praça Nossa Senhora de Salete. Segundo estimativas da APP, mais de 20 mil pessoas estavam presentes para protestar contra o projeto da Previdência. Durante a tarde, enquanto os deputados estaduais estavam na ALEP discutindo o projeto de Lei, os manifestantes começaram a ser agredidos pela Polícia Militar. A PM lançava bombas e balas de borracha, usava seus cães e cassetetes para dispersar a multidão, que sem nenhuma chance de defesa, corria pelo local em busca de segurança.

### **ABRE ÁUDIO MANIFESTAÇÃO – BOMBAS, TIROS, GRITARIA**

**TRECHOS DE REPORTAGEM – comentando a violência contra os professores, depoimentos dos presentes**

**SONORAS BANDA B E BANDNEWS – pessoas agredidas, relatos**

**OFF 25:** A professora Marlei Fernandes conta que, enquanto os manifestantes eram reprimidos na Praça Nossa Senhora de Salete, o projeto da Previdência foi aprovado.

**Marlei Fernandes - O governo aprovou debaixo de muita bomba, de muita bala, de muita violência, de muita agressão a todos os servidores, mas principalmente aos professores e funcionários do estado do Paraná, a nossa categoria que estava aqui no centro cívico aqui no dia 29 de abril e aquele massacre.**

**OFF 26:** Ao todo, foram 213 feridos. No cair da noite a Praça Nossa Senhora de Salete lembrava um cenário pós-guerra. O governador Beto Richa justificou a ação da Polícia Militar como sendo de defesa contra alguns grupos que estariam ali apenas para incentivar a violência.

**Beto Richa – Nós tivemos que agir devido a ação de alguns grupos de *Black Blocs* que estavam presentes para causar tumulto.**

**OFF 27:** Os tais “black blocs” citados pelo governador foram apresentados em imagens feitas pela Secretaria de Segurança Pública e logo foram reconhecidos. Eram na verdade estudantes de farmácia da Universidade Estadual de Londrina. A direção da Universidade se pronunciou defendendo os estudantes, que estavam lá ajudando a preparar uma solução que neutralizava os efeitos do gás lacrimogêneo. O deputado Ademar Traiano, presidente da Assembleia Legislativa do Paraná, foi um dos favoráveis para que a votação do projeto da Previdência continuasse apesar da violência que acontecia do lado de fora.

**Ademar Traiano – Aqui dentro nada aconteceu**

**Eu acho que tudo se definiu e resolver de uma forma aqui pelo menos internamente tudo se resolveu**

**O controle interno é nosso, quem determinou a força policial foi a própria justiça**

**Eu cumpri o que a justiça me impunha como determinação**

**Eu não sou secretário de segurança as ações de segurança foram planejadas pelo comando da PM**

**OFF 28:** A repercussão do fato foi intensa. Imagens de feridos circularam pelo país e exterior. A população, com mais voz ativa em 2015 do que em 1988, devido à internet, expressou sua revolta e cobrava respostas. Pressionado, o governo do estado estudou medidas para aliviar a situação. No dia 06 de maio, o Secretário da Educação do Paraná, Fernando Xavier Ferreira, pediu demissão. Dias depois, foi a vez do comandante da Polícia Militar no estado, coronel César Kogut e do próprio Secretário de Segurança Pública, Fernando Francischini.

**OFF 29:** Enquanto as bombas estouravam na Praça Nossa Senhora de Saete, Célio Martins trabalhava da redação do jornal. Ele também fez as conexões entre os fatos de 1988 e 2015

**Célio Martins - tava acontecendo, as bombas estavam estourando e eu já tava né, quando a gnt viu os primeiros machucados eu falei "ó, repetiu o episódio de 88" e danei a escrever.**

**a violência contra a manifestação dos professores no centro cívico de 2015 foi muito maior, de maior gravidade que em 88.**

**ficou comprovado que eles usaram uma bala de borracha, que são dois tipos, né, tem uma que é mais leve que é para o manifestante comum, para dispersar e tal e tem uma que é mais forte que é pra atingir determinada pessoa que esteja, que você verifique na multidão "aquele lá está planejando sei lá, está atacando uma barra de ferro para atacar um..." aí você mira nele e eles usaram esse artefato mais forte, né, que machuca mais contra o professorado comum, porque não tinha nenhum black bloc ali, até agora não foi comprovado. Então a violência foi muito maior.**

**OFF 30:** O movimento dos professores tem hoje uma das maiores lideranças sindicais do Paraná. A categoria ganhou reconhecimento durante seus anos de luta e também por causa das importantes batalhas que travou, algumas vezes em nome de outras classes de trabalhadores. O sociólogo Ricardo Oliveira aponta as semelhanças não só na luta dos professores, mas também nas consequências que podem ser geradas para o governo.

**Ricardo Oliveira – O movimento dos professores sempre foi um movimento muito ativo, forte e com grande participação, porque os professore sempre representa, um segmento do funcionalismo público menos remunerado com as piores condições de trabalho e que enfrenta as dificuldades da educação. Então sempre foi um sindicato, um movimento social muito forte, coeso e consciente até os dias de hoje. Vide o massacre do beto Richa agora no dia 29. Foi muito pior. Dia 30 de agosto também já havia várias semanas da greve, estavam organizados, mas a intervenção militar ela foi menor que agora no dia 29.**

**O Alvaro admite, ele fala que ele não comandou, não ordenou que a polícia atacasse os professores, mas havia teoria domínio de fato. Ele**

teria condições, na época que ele era comandante da polícia como governador do estado do Paraná. E de fato aquilo marcou a imagem dele negativamente até hoje.

sempre fica esta mácula na vida política de ter sido um espancador de professores, como o Beto Richa também carregará esta pesada mácula. Ele, o Francischini e todos que estiveram envolvidos no massacre do dia 29 de abril de 2015.

**OFF 31:** A carga negativa atribuída à Alvaro Dias depois dos acontecimentos de 30 de agosto é comentada pelo ex-governador. Ele afirma que a postura adotada na época trouxe graves consequências para sua vida política, mas que ele conseguiu contornar. O atual senador da República pelo Paraná ressalta a importância da garantia de benefícios para os profissionais da educação.

**Alvaro Dias - É bom dizer que eu poderia ter assumido uma atitude populista que, muito provavelmente, me teria poupado de vários dissabores futuros. Como, por exemplo, destituir sumariamente o Secretário de Segurança e o Comandante Geral, ou buscando "bodes expiatórios", dentre alguns oficiais ou soldados, de forma aleatória. Não quis agir desta forma e, por isto, fui mal compreendido, pagando um preço bastante alto pelo fato de haver assumido minha total responsabilidade como governador.**

Não entendo que as reivindicações docentes, como férias, aposentadoria diferenciada, hora atividade, devam ser compreendidas como "*privilégios*", pois a especificidade do trabalho docente, a carga de responsabilidade que ela encerra e a impossibilidade prática do professor *limitar* suas horas de trabalho, que invadem - e muito - seus momentos de lazer e de convívio familiar, fazem da docência uma profissão com um caráter muito particular, com exigências muito fortes, sendo justo que haja uma retribuição por parte da sociedade.

PARTE 8: Importância da luta

**OFF 32:** A luta dos professores existe há muito tempo e se estende por todo o país. A Lei que instituiu o piso salarial para os profissionais do magistério

público em âmbito nacional só foi sancionada em 2008. A greve de 1988 se tornou um marco na luta dos docentes. A data é usada até hoje como referência para a categoria ir em busca de seus direitos. Em 2015, os acontecimentos de 29 de abril se misturam com os de 30 de agosto de 88 e nos fazem pensar sobre a maneira como os profissionais da educação são tratados pelo poder público. É preciso entender qual o sentido que professores fazem na nossa sociedade. E eles prometem continuar na luta para a valorização daqueles que escolheram uma vida de atenção e dedicação ao outro.

**Sonora Arnaldo - qualquer possibilidade de a gente viver num país mais decente passa por transformar esse país, e sem luta social esse país não muda.**

**o papel de quem é educador, quem escolheu ser educador é estar nas lutas sociais sempre, porque eu acho que ela é algo que complementa o nosso trabalho em sala de aula,**

**Você tem que, como educador, dar o exemplo para ele, mostrar o exemplo que quando o teu direito é desrespeitado você vai para a rua e reclama, exige, se junta, se soma, se une, porque aí você está educando também o aluno não só com o teu discurso, mas com a sua prática, mostrando na prática como é que a gente faz as transformações que a sociedade tanto precisa.**

**Sonora Marlei Fernandes - Então os professores da rede estadual, os professores da rede municipal, a gente precisa estar muito unificado, aprendendo uns com os outros, ter muita solidariedade, enfrentarmos dificuldades que são comuns ao magistério no país. A gente precisa enfrentar, unificar a nossa carreira, em nível de país isso é muito importante. Nós precisamos ter muita força, muita disponibilidade.**

**Sonora Isolde Benilde – Educação só tem retorno a longo prazo. você trabalha com a pessoa na pré-escola e vai ter o retorno quando ela sai da universidade às vezes. Então é uma orientação que a gente dá para os professores pra não desanimar, né? Não podemos desanimar de jeito nenhum e a gente é professor a vida inteira, não é só enquanto está na**

sala de aula. A gente tem um sonho de mudar essa sociedade, de deixa-la mais justa, alias mais justa não porque justa ela não é, de deixa-la justa, torna-la justa, torna-la solidária, igualitária e a educação é a principal fonte de transformação. A gente precisa de todos os setores da sociedade, mas sem educação nada, nada pode ir a frente. Todos precisamos da educação para trabalhar em qualquer setor da vida, pra trabalhar em qualquer emprego, pra tratar com qualquer ser humano a gente precisa de educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo fazer um relato abrangente sobre a luta dos professores do Paraná, com uma linha narrativa que partiu de informações sobre dois acontecimentos centrais: as manifestações marcadas pela repressão violenta nos dias 30 de agosto de 1988 e 29 de abril de 2015. Também tivemos a pretensão de gerar no público ouvinte uma reflexão sobre a situação dos profissionais da educação como passar dos anos, as semelhanças e diferenças na luta, reivindicações e contexto em que eles já atuaram e atuam no momento. Além disso, o produto tem como objetivo registrar as greves dos professores de 1988 e de 2015 com imparcialidade, esclarecendo o contexto em que elas aconteceram, os argumentos de cada lado da discussão e os desdobramentos que a negociação (ou a falta dela) trouxe.

O radiodocumentário atingiu o objetivo de contribuir com a memória da população paranaense, fazendo o registro das greves com um olhar analítico sobre o contexto de cada época. As entrevistas com o sociólogo Ricardo Costa e o jornalista Célio Martins sobre a situação do Brasil e do Paraná na época ajudaram a apresentar o cenário sociopolítico no qual os fatos aconteceram, além dos motivos pelos quais as consequências geradas foram as exibidas posteriormente. Os relatos dos personagens – professores, policiais, responsáveis pela administração do Estado – ajudaram a completar a narrativa com imparcialidade, apresentando os argumentos de cada lado. Além disso, as lembranças daqueles que viveram as greves trouxeram não só informação, mas também emoção e afetividade para o público do radiodocumentário.

Com esse produto foi possível perceber como os profissionais da educação têm um forte histórico de luta pelos seus direitos e como foi formada a identidade de uma categoria conhecida como forte e organizada. Hoje em dia, quando se fala da greve dos professores de 1988, muitos falam nos “cavalos de Alvaro Dias”. O ex-governador nunca teve sua imagem desvinculada da violência cometida contra os professores, por mais justificativas que faça para negar sua participação no ocorrido. Em 2014, ele foi reeleito senador da República pelo Paraná com 77% dos votos. Essa votação foi justificada, por analistas políticos, pela falta de candidatos que pudessem

causar uma votação expressiva, por ainda serem pouco conhecidos. Mesmo assim, durante a campanha, os adversários de Alvaro Dias apresentavam professores e outros profissionais da educação com um discurso contra o ex-governador. Em 2015 os acontecimentos de 29 de abril foram divulgados com mais agilidade, pois tanto os meios de comunicação quanto a população em geral têm mais recursos para isso. Jornais do país inteiro receberam notícias dos repórteres que estavam em Curitiba. Os portais de notícias apresentaram vários olhares de quem presenciou o ataque aos professores. Pelas redes sociais, a população teve a chance de se organizar e comunicar sua solidariedade à categoria. As explicações dadas por Beto Richa não bastaram e sua imagem continua bastante denegrida.

Com a apresentação das reivindicações de 2015, o radiodocumentário mostrou que um dos principais valores dos professores é a mobilização organizada através dos sindicatos, não só dos profissionais da educação, como também de outros servidores, para garantir o diálogo entre sociedade e poder público.

## REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. **O Novo sindicalismo**. São Paulo: Brasil: Urgente.1991.
- BALSEBRE, Armand. **El Lenguaje Radiofónico**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.
- BAUMWORCEL, Ana. **CD: Um suporte privilegiado para o documentário sonoro**. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2001.
- BENILDE, Isolde. In: **APP-Sindicato - 30 de Agosto de 1988**. Disponível em <http://migre.me/jBDp3>. Acessado em 15 de maio de 2014.
- BENILDE, Isolde. In: **APP-Sindicato - 30 de Agosto de 1988**. Disponível em <http://www.appsindicato.org.br/include/paginas/video.aspx?id=16>. Acessado em 10 de março de 2015.
- BIANCO, Nélia Del e ESCH, Carlos Eduardo. **Quem destrói o mundo é o cenário acústico do rádio**. In: Rádio e Pânico – A Guerra dos Mundos, 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.
- BOURDIEUR, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996
- BRITTOS, Valério Cruz. **Por que não aconteceu aqui: o rádio em 1938 no Brasil**. In: Rádio e Pânico – A Guerra dos Mundos, 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.
- CHANTLER, Paul. HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.
- COELHO, Andréa Marins. In: **APP-Sindicato - 30 de Agosto de 1988**. Disponível em <http://migre.me/jBDp3>. Acessado em 15 de maio de 2014.
- CUNHA, Mágda. **No polo da recepção: a encenação autorizada de uma guerra**. In: Rádio e Pânico – A Guerra dos Mundos, 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DIAS, Álvaro. In: **30 de agosto de 1988: O fato e a versão segundo Álvaro Dias**. Disponível em <http://www.roseliabrao.com/index.php?id=95>. Acessado em 10 de março de 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

GIL, Maria Cristina Romo. **Introducción al conocimiento y práctica de la radio**. México: Diana, 1987.

GOUVEA, Gilmar de. In: **APP-Sindicato - 30 de Agosto de 1988**. Disponível em <http://migre.me/jBDp3>. Acessado em 15 de maio de 2014.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2013.

KAPLÚN, Mário. **Produccion de Programas de Radio**. Quito: CIESPAL, 2006.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La comunicación desde la cultura: crisis de lo nacional y emergencia de lo popular**. Trabalho apresentado no Seminário Latinoamericano sobre cultura transnacional, culturas populares y políticas culturales, Bogotá, 1995.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MENEZES, Fabiane Luzia. **Identidades e Memória: A greve dos professores do Estado do Paraná de 1988**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012.

MIRANDA, Romeu Gomes de. In: **APP-Sindicato - 30 de Agosto de 1988**. Disponível em <http://migre.me/jBDp3>. Acessado em 15 de maio de 2014.

MORAIS, Vera Lopes de. In: **APP-Sindicato - 30 de Agosto de 1988**. Disponível em <http://migre.me/jBDp3>. Acessado em 15 de maio de 2014.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

NOYA PINTO, Virgílio. **Comunicação e Cultura Brasileira**. São Paulo: ica, 1986.

PAIXÃO, Luiz Carlos. In: **APP-Sindicato - 30 de Agosto de 1988**. Disponível em <http://migre.me/jBDp3>. Acessado em 15 de maio de 2014.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Portugal: Cosmos, 1999.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

SCHAEFFER, Pierre. **Machines à communiquer I. Genèse des simulacres.**  
Paris: Seuil, 1970.

SMITH, Anthony. **El impacto de las telecomunicaciones em nuestro futuro:**  
predicciones. In: La Sociedad de la Información. Amenazas y Oportunidades.  
Madri: Complutense, 1996.

## ANEXOS (Entrevistas)

Walter Rodrigues – atual chefe de segurança do Palácio da Justiça

Qual era a sua função em 1988?

Eu era soldado da Polícia Militar.

Você lembra como foi o dia 30 de agosto de 1988? O que aconteceu, como vocês foram preparados para agir na Praça Nossa Senhora de Saete?

A gente foi convocado pelo comandante da Polícia Militar para trabalhar na greve. Aí veio a ordem do governador do estado para retirar todos os professores que estavam acampados em frente ao Palácio do Governo.

Quem definiu as estratégias para que fosse feita a retirada?

A princípio foi feita uma negociação e não foi possível que essa negociação chegasse a um acordo, aí o comandante da PM junto com o governador Álvaro Dias pediu que os policiais retirassem à força os professores que estavam acampados.

Quem estava nessa negociação?

O sindicato dos professores e o comandante da PM.

E antes de 30 de agosto, como foi a organização? Quando vocês foram chamados e como se organizaram?

Nós ficamos de prontidão no quartel e lá foi designado uma equipe de apoio junto com a polícia de choque para fazer a retirada dos professores. Essa foi a essa orientação.

Na época a situação fugiu um pouco do controle. Vocês estavam preparados caso a negociação não acontecesse da maneira esperada?

Nós estávamos preparados, mas a gente não esperava a imensidão da coisa. Que as coisas acontecessem daquela maneira.

Quais as atitudes que os soldados da PM tiveram que tomar? O que vocês fizeram para retirar os professores?

A ordem era de retirar de qualquer forma, a medida de violência ou não, os professores da frente do Palácio. Tiramos as barracas, tivemos que usar da força com o cassetete, chutar as barracas, desmontar e retirar da frente do palácio. Eu fui do pelotão de frente, um dos primeiros a chegar. Não houve muita resistência, eles estavam de mãos atadas, não tinham o que fazer e nós tínhamos o arsenal de defesa para retirá-los de lá.

E qual foi o sentimento gerado em você naquele momento?

A gente cumpre ordens, ordens são superiores. A gente trabalha com o coração partido porque a gente sabe a necessidade dos professores, sabe o que eles estavam passando, mas a gente tinha que cumprir, senão seríamos punidos.

Quais as semelhanças e diferenças que você percebe entre 1988 e 2015?

O acontecimento de ontem (30/04/2015) foi maior, sabe, foi um grande transtorno e ficou marcado no Brasil todo sobre a manifestação. Uma das diferenças foi a divulgação, porque agora foi de imediato.

Qual era o sentimento geral entre os profissionais da PM enquanto a negociação acontecia?

A negociação foi a portas fechadas, nós não sabíamos de nada. Só soubemos quando não houve acordo. A gente ficou esperando a ordem do governador. Tivemos que agir de imediato.

A ordem veio de quem?

Direto do governador Álvaro Dias

Hoje qual o teu sentimento aqui?

Vem as lembranças do passado. Sinto um pouco de pena dos professores, eles passam

por muita dificuldade e vendo isso me vem à mente o que aconteceu em 88.

Qual a diferença da imagem que você tinha dos profissionais da educação em 1988 e nos dias de hoje?

É da mesma forma, sabe? O que eles estão passando no passado estão passando novamente.

O que você acredita que não foi aprendido em 1988 e pode ser aprendido aqui?

Espero que isso não mais aconteça, que as coisas entrem sempre em negociação, que saia um acordo amigavelmente e que não seja mais preciso de violência junto aos professores.